

Título: Fotografias como fonte de pesquisa para análise das transformações de uma escola e sua comunidade no Município de São Paulo

Aluna: Jéssica Vieira de Medeiros

Número USP: 6428620

Programa: PIC/FEUSP

Orientadora: Profa. Dra. Elizabeth dos Santos Braga

Resumo: O presente projeto está vinculado à pesquisa “Memória, narrativa e a dimensão discursiva da experiência escolar”, da Profa. Dra. Elizabeth dos Santos Braga, e surgiu a partir da necessidade de se trabalhar com as fotografias coletadas por este projeto, bem como com o arquivo fotográfico com imagens da escola e do bairro em que está inserida. Tem como objetivo explorar, a partir das imagens coletadas por sujeitos que participam da dinâmica da escola, as relações que foram sendo estabelecidas ao longo da história entre a escola, o bairro no qual está inserida e os sujeitos que fizeram e/ou fazem parte desses espaços. Esta é uma pesquisa documental de cunho qualitativo e nela serão realizadas observações e análises das fotografias coletadas. As análises serão baseadas em estudos sobre imagens e fotografias como a obra de Boris Kossoy e em reflexões acerca do papel do signo no desenvolvimento humano de Lev Vigotski. Com este trabalho pretende-se organizar a parte de imagens do memorial localizado na escola pesquisada, esperando contribuir para um maior conhecimento da memória do bairro, da escola e dos sujeitos que ocupam esse espaço, bem como para o fortalecimento da relação entre a escola e sua comunidade.

Palavras-chave: Fotografia, Memória, Escola

Sumário:

1.	Introdução.....	2
2.	Fundamentação Teórica.....	6
2.1.	Sobre a perspectiva Histórico-Cultural.....	6
2.1.1.	Mediação.....	6
2.1.2.	Instrumento e signo.....	7
2.1.3.	Mediação semiótica.....	9
2.2.	Fotografia e imagem.....	13
2.2.1.	As imagens e o realismo.....	15
2.3.	Cultura material escolar.....	18
3.	Métodos de pesquisa.....	21
3.1.	Metodologia da pesquisa com imagens.....	21
3.2.	Pesquisa documental de cunho qualitativo.....	23
3.3.	Os documentos.....	25
3.4.	Observação.....	26
4.	Os espaços.....	28
4.1.	A EMEF Solano Trindade.....	29
4.2.	O Bairro Jardim Boa Vista e o Distrito Raposo Tavares.....	30
5.	Observações realizadas na EMEF Solano Trindade.....	31
6.	Organização documental.....	36
7.	Análises de imagens.....	47
8.	Algumas fotografias e possíveis análises.....	48
9.	Considerações finais.....	75
	Bibliografia	76

1. Introdução

A pesquisa aqui apresentada está vinculada ao Projeto de Pesquisa “Memória, narrativa e a dimensão discursiva da experiência escolar”, da Profa. Dra. Elizabeth dos Santos Braga¹, que visa à articulação da reflexão sobre memória, narrativa e experiência, com questões de educação e desenvolvimento do homem atual, a partir da abordagem histórico-cultural e da perspectiva discursiva e enunciativa. Além disso, visa contribuir para o fortalecimento da relação entre uma escola e sua comunidade, da identidade da escola e o repensar de práticas e relações, na medida em que cria espaços de emergência de memórias e narrativas de vida e experiências.

Essa pesquisa, desenvolvida na EMEF Solano Trindade, localizada no bairro Jardim Boa Vista do Município de São Paulo, enfoca especificamente memórias, narrativas, histórias e experiências de sujeitos que compartilham um espaço escolar (professores, alunos, equipe administrativa e pedagógica, funcionários, pais, outras pessoas da comunidade), numa reflexão sobre o processo de produção de narrativas e sua dimensão dialógica, sobre as práticas sociais na instituição escolar, tentando apreender nos relatos elementos constitutivos próprios de uma memória coletiva e discursiva. Articulado a uma proposta de intervenção, o desenvolvimento dessa pesquisa busca o estabelecimento de um espaço de interlocução entre os sujeitos envolvidos direta ou indiretamente com a instituição escolar, para que se repensem práticas e relações de ensino.

A referida pesquisa deu origem ao Projeto de Extensão, também coordenado pela Professora Elizabeth Braga, com a participação do Prof. Dr. Bruno Bontempi Jr., “Do registro de memórias à construção de um memorial na EMEF Solano Trindade: relação escola/comunidade, formação docente e práticas pedagógicas”,² que também vem sendo realizado junto à EMEF

¹ O Projeto de Pesquisa “Memória, narrativa e a dimensão discursiva da experiência escolar” tem apoio financeiro da FAPESP.

² O atual projeto “Do registro de memórias à construção de um memorial na EMEF Solano Trindade: relação escola/comunidade, formação docente e práticas pedagógicas” é continuação do anterior “Memórias e Histórias da EMEF Solano Trindade no Jardim Boa Vista: sentidos da relação

Solano Trindade e visa a um maior conhecimento da memória do bairro, da escola e dos sujeitos que ocupam esse espaço, bem como da realidade e das necessidades locais, para que se promova um diálogo sobre a relação escola/comunidade, a identidade da escola e as práticas pedagógicas.

Os professores da escola que têm horário de jornada integral participam diretamente do projeto e os alunos e demais funcionários da escola também estão envolvidos de diversas maneiras. Acredita-se que a partir desse trabalho com memórias e histórias haja a possibilidade de se criarem práticas pedagógicas que se fundamentem no conhecimento objetivo e significativo da realidade escolar e da comunidade, do aluno e de sua família.

Parte das atividades realizadas pelos projetos anteriormente apresentados compreende a busca de relatos orais, documentação escolar, documentos textuais, história dos sujeitos participantes do contexto escolar, cadernos e livros e a coleta de registros fotográficos do passado da escola e dos sujeitos que dela fazem e/ou fizeram parte, além dos registros realizados durante a execução dos projetos.

Envolvida com esses dois projetos, esta Iniciação Científica surgiu a partir da necessidade de se trabalhar com os documentos já coletados, principalmente os registros fotográficos. Mesmo que responsável apenas por uma pequena parte dos projetos, aqui também há intenção de se contribuir para o fortalecimento da relação escola/comunidade e da identidade da escola. Esta pesquisa tem por objetivo explorar, a partir de imagens, as relações que foram sendo estabelecidas ao longo da história entre uma escola, o bairro no qual está inserida e os sujeitos que fizeram e/ou fazem parte desses espaços.

Além disso, apresenta os seguintes objetivos específicos:

- Compreender, com o auxílio de estudos sobre a História da fotografia, quais elementos (imagem, disposição de objetos, papel, enquadramento, nitidez, cores, etc.) podem contribuir para uma pesquisa qualitativa que analisa o processo histórico de transformação de um espaço e seus sujeitos;

- Compreender os diferentes papéis e significados que a escola pode ter assumido desde seu surgimento;

escola/comunidade e formação docente”, que teve vigência de 2010 a 2011. Ambos têm apoio da Pró-Reitoria de Cultura e Extensão.

- Explorar as transformações que foram ocorrendo na escola, no bairro e nos sujeitos a partir do que pode ser revelado pelos elementos que aparecem nas fotografias: a estrutura da escola, a composição do bairro, dos ambientes externos à escola, os comportamentos dos sujeitos que aparecem nas imagens, as relações de poder que se revelam, etc.

Inicialmente, também era pretendido organizar e arquivar todas as fotografias que atualmente fazem parte do memorial da EMEF Solano Trindade. Nele, há fotografias mais antigas, reveladas, doadas por alunos, ex-alunos, funcionários da escola e moradores do bairro e outras, que estavam digitalizadas e foram reveladas recentemente. Além dessas, havia fotografias baixadas em diversos computadores da escola e que, atualmente, estão sendo salvas e passadas para um HD externo que servirá como um meio de armazenamento e organização das fotografias digitais que foram tiradas a partir de 2008. Quando as fotografias estiverem totalmente organizadas em pastas referentes aos momentos que representam, essas serão passadas para um computador que permanecerá no memorial.

No entanto, apesar da intenção de se organizar todas as fotografias, digitalizadas e reveladas, este trabalho ficou restrito apenas às aquelas digitalizadas que foram salvas no HD. O processo de organização teve início com as fotos salvas nos computadores, pois essas eram mais recentes e envolviam o Projeto de Extensão realizado na escola. Além disso, as outras já estavam sendo preservadas no memorial, por mais que a organização estivesse em seu início. Assim, por ser um processo bastante trabalhoso, que requer a colaboração de outras pessoas para o reconhecimento das imagens, não houve tempo suficiente para começar a organizar as fotos em papel.

Nesta pesquisa, foi estabelecido um critério de organização que será apresentado para os professores da escola para que eles possam dar continuidade à organização das fotografias. Portanto há um benefício tanto para o memorial quanto para a escola em termos de organização: a partir de agora, todas as fotografias serão baixadas e organizadas no computador do memorial e no computador da coordenação da escola.

Nesta pesquisa, as fotografias e imagens são concebidas principalmente a partir de duas referências. Uma é a elaboração de Boris Kossoy em seu livro

Fotografia e História, que as concebe como documentos insubstituíveis, fontes de informação histórica, antropológica e etnográfica, e a outra referência é a perspectiva histórico-cultural de Lev Vigotski, na sua elaboração sobre os signos e sua importância na constituição da consciência.

Na parte de fundamentação teórica, algumas ideias de Kossoy e de Vigotski serão apresentadas e uma parte do capítulo estará dedicada à cultura material escolar. Primeiramente serão apresentados os principais conceitos da perspectiva histórico-cultural, em seguida serão apresentados os papéis que imagens e fotografias podem assumir e, ao final, será apresentado um tópico sobre cultura material escolar e sua relação com fotografia.

A parte sobre métodos de pesquisa compreende uma reflexão sobre a pesquisa utilizando fotografias como principais fontes documentais, a natureza qualitativa desse tipo de pesquisa e faz uma relação com um programa metodológico proposto por Vigotski, esclarecendo a importância de se conhecer o meio social no qual acontecerá a pesquisa.

Também é feita uma breve descrição da EMEF Solano Trindade e do bairro no qual a escola se insere, um relato sobre observações realizadas na escola e a apresentação dos critérios de organização do HD que arquiva fotografias coletadas pela escola e pelos próprios projetos desenvolvidos nesse espaço.

Ao final, serão apresentadas algumas análises de fotografias selecionadas de modo que se tenha ideia do processo histórico de transformação do espaço e de seus sujeitos, a compreensão dos papéis que a escola foi assumindo ao longo do tempo e a exploração das transformações que foram ocorrendo na escola, no bairro e nos sujeitos que participam desses espaços.

2. Fundamentação Teórica

2.1. Sobre a perspectiva Histórico-Cultural

2.1.1 Mediação

A mediação é um conceito fundamental na obra de Vigotski. Oliveira, baseada nas ideias de Vigotski, a define em seu livro *Vygotsky: aprendizado e desenvolvimento, um processo sócio-histórico* como “[...] o processo de intervenção de um elemento intermediário numa relação; a relação deixa, então, de ser direta e passa a ser mediada por esse elemento” (1997, p.26).

Para Vigotski, o que caracteriza as capacidades humanas é o fato de que as relações entre o homem e o mundo são mediadas por alguma ferramenta, ou seja, são indiretas. Para que ocorram, dois elementos mediadores são fundamentais: os instrumentos e os signos (VIGOTSKI, 1991). Suas funções serão explicitadas adiante, neste mesmo capítulo.

Segundo Braga (2010), para Vigotski, a mediação é a marca da consciência humana, é o que difere os seres humanos dos animais que possuem um comportamento imediato, impulsivo, dirigido diretamente a um objeto. Pino mostra que “[...] a passagem da atividade prática dos animais à atividade humana ocorre quando essa é mediada ‘externamente’, ou seja, quando ela envolve o uso de meios ‘externos’ visando a determinados objetivos” (1991, p.36).

Os seres humanos, ao contrário dos animais, preparam instrumentos supondo um uso posterior e isso pode ser considerado a primeira forma de atividade consciente. “É a preparação dos instrumentos, segundo Luria, o que distingue a atividade do homem primitivo do comportamento do animal, que apenas emprega os instrumentos” (BRAGA, 2010, p.24). Além do uso de instrumentos, a criação de signos também “[...] marca o comportamento humano e a cultura e diferencia os primatas do homem mais primitivo” (*Ibid.*, p.24).

Não podemos falar em mediação sem citar dois autores que exerceram influência nas ideias de Vigotski: Marx e Engels. O autor funda esse conceito

na teoria marxista da produção. “Segundo Marx, o desenvolvimento humano é resultado da atividade do trabalho” (PINO, 1991, p.35). Pelo trabalho, pelo uso de instrumentos, os homens são capazes de transformar a natureza para satisfazer suas necessidades materiais e psicológicas. Para isso, se transformam e desenvolvem novas funções e habilidades.

2.1.2. Instrumento e signo

Em seus estudos, Lev Vigotski interessou-se por compreender os mecanismos psicológicos mais complexos, típicos dos seres humanos como, por exemplo, a possibilidade de pensar em objetos que não estão presentes, lembrar situações vividas ou imaginar situações que não ocorreram e fazer planos para o futuro (OLIVEIRA, 1997). Para que essas atividades psicológicas ocorram, é necessário o auxílio de certos objetos ou operações, ou seja, é necessário o auxílio de signos e instrumentos.

Vigotski, em seu livro *A formação social da mente*, diz que

[a] invenção e o uso de signos como meios auxiliares para solucionar um dado problema psicológico (lembrar, comparar coisas, relatar, escolher etc.), é análoga à invenção e uso de instrumentos, só que agora no campo psicológico. O signo age como um instrumento da atividade psicológica de maneira análoga ao papel de um instrumento no trabalho. (1991, p.52)

Tais elementos, análogos entre si, exercem a mesma função: a de mediação. No entanto, apresentam diferenças fundamentais que devem ser levadas em consideração, pois, segundo Vigotski, o desaparecimento da distinção entre eles faz com que características de cada tipo de atividade sejam perdidas.

De acordo com a perspectiva histórico-cultural, o signo regula as ações sobre o psiquismo das pessoas auxiliando o homem a controlar voluntariamente sua atividade psicológica, ampliando sua capacidade de atenção e memória. Ele representa algo diferente de si mesmo que substitui e expressa eventos, ideias, situações e objetos, servindo como auxílio da memória e da atenção humanas (REGO, 2010). Já o instrumento, usando a

definição de Oliveira, é “[...] um elemento interposto entre o trabalhador e o objeto de seu trabalho, ampliando as possibilidades de transformação da natureza [...] É, pois, um objeto social e mediador da relação entre o indivíduo e o mundo” (1997, p.29).

A grande diferença entre signos e instrumentos está nas diferentes maneiras com que eles orientam o comportamento humano:

A função do instrumento é servir como um condutor da influência humana sobre o objeto da atividade, ele é orientado internamente; deve necessariamente levar a mudanças nos objetos. Constitui um meio da atividade interna dirigido para o controle e domínio da natureza. O signo, por outro lado, não modifica em nada o objeto da operação psicológica. Constitui um meio da atividade interna dirigido para o controle do próprio indivíduo; o signo é orientado internamente. (VYGOTSKY, 1991, p.55)

Ainda em relação às diferenças entre esses dois elementos, Smolka, em seu artigo *O (im)próprio e o (im)pertinente na apropriação das práticas sociais*, aponta aspectos importantes.

Se existe uma distinção crucial na orientação das atividades (instrumentos são dirigidos ‘para fora’; signos são dirigidos ‘para dentro’) queremos ressaltar que os instrumentos se caracterizam geralmente por sua finalidade e especificidade, enquanto os signos, na sua materialidade simbólica, são marcados por uma não especificidade (caráter difuso, contornos embaçados), pela im-pregnação (caráter seminal e permanente) e pela reversibilidade (direcionados para o outro e para si). (2000, p.30)

Pino, em seu artigo *O conceito de mediação semiótica em Vygotsky e seu papel na explicação do psiquismo humano* (1991), diz que as funções psíquicas têm origem nos processos sociais, ou seja, são relações sociais *interiorizadas* ou, segundo Vigotski, *internalizadas*. Para ele, a internalização é a reconstrução interna de uma operação externa.

De acordo com Braga, a internalização também é um conceito fundamental na teoria Histórico-cultural. Ela diz que este processo “[...] é um fenômeno fundamental para a formação dos processos psicológicos” (2010,

p.26). Assim, sendo as funções psíquicas frutos dos processos sociais, podemos dizer que tudo o que é interno foi, uma vez, externo.

Qualquer função psicológica superior foi externa – significa que ela foi social; antes de se tornar função ela foi ela foi uma relação social entre duas pessoas. Nesse sentido, as funções psicológicas são originalmente relações sociais, emergem no plano da ação entre sujeitos (social), para então internalizarem e constituírem o funcionamento externo (individual do sujeito). (VIGOTSKI *apud* Braga, 2010, p.26)

Vigotski considera que “[u]ma operação que inicialmente representa uma atividade externa é reconstruída e começa a ocorrer internamente” e “[...] um processo interpessoal é transformado num processo intrapessoal” (Vygotsky, 1991, p.57). Ou seja, as funções no desenvolvimento aparecem primeiro entre pessoas e depois no interior da pessoa. Para ele, “todas as funções superiores originam-se nas relações reais entre os indivíduos humanos” (*Id. Ibid.*, p.58).

Apesar de falar em interno e externo ao sujeito, Vigotski tenta superar as dicotomias interno/externo e social/individual. Para ele, esses termos estão vinculados e não são opostos, pois a ação do sujeito é considerada a partir da ação entre sujeitos. O autor considera que “[...] o psicológico só pode ser compreendido nas suas dimensões social e individual” (GÓES, 1991, p.17).

2.1.3. Mediação semiótica

A mediação semiótica é um conceito central na obra de Vigotski. Este tipo de mediação, segundo Wertsch (*apud* BRAGA, 2010) pode ser tanto explícito quanto implícito. A primeira forma ocorre quando “[...] um indivíduo ou outra pessoa que está conduzindo a atividade desse indivíduo introduz intencionalmente um estímulo-meio na dinâmica da atividade” (BRAGA, 2010, p.25). Nesse caso, a função dos signos é salientada na organização da atividade. A segunda forma de mediação

[...] tende a ser menos óbvia e mais difícil de detectar, correspondendo a formas de mediação de natureza efêmera, transitória, o que as torna ‘transparentes’ para um observador descuidado. Ela também envolve

signos, a linguagem, no processo de comunicação. Nesse tipo, os signos não são propositalmente introduzidos na ação humana, mas são parte de uma corrente de ação comunicativa preexistente. (*Ibid*, p.25)

Definida por Pino (1991) como “a mediação dos sistemas de signos”, a mediação semiótica permite explicar o processo de internalização e objetivação, as relações entre pensamento e linguagem e a interação entre sujeito e objetos.

O processo de internalização se dá na transformação da utilização de marcas externas em processos internos de mediação (OLIVEIRA, 1997).

Ao longo do processo de desenvolvimento, o indivíduo deixa de necessitar de marcas externas e passa a utilizar signos internos, isto é, representações mentais que substituem os objetos do mundo real. Os signos internalizados são, como as marcas exteriores, elementos que representam objetos, eventos, situações. (OLIVEIRA, 1997, p.35)

Para que isso ocorra, é fundamental a interação face a face entre os indivíduos:

[...] é através da relação interpessoal concreta com outros homens que o indivíduo vai chegar a interiorizar as formas culturalmente estabelecidas de funcionamento psicológico. Portanto, a interação social, seja diretamente com outros membros da cultura, seja através dos diversos elementos do ambiente culturalmente estruturado, fornece a matéria-prima para o desenvolvimento psicológico do indivíduo. (*Ibid.*, p.38)

A interação social também é fundamental, pois

[...] os signos não se mantêm como marcas externas isoladas, referentes a objetos avulsos, nem como símbolos usados por indivíduos particulares. Passam a ser signos compartilhados pelo conjunto dos membros do grupo social, permitindo a comunicação entre indivíduos particulares. (*Ibid.*, p.36)

Nesta pesquisa, a mediação semiótica ganha bastante importância. Como já dito anteriormente, queremos revelar o caráter semiótico das

fotografias e imagens. Segundo Braga e Smolka, no artigo *Memória, Imaginação e Subjetividade: imagens do outro, imagens de si* (2005), as imagens fazem parte da relação entre memória e narrativa, pois evocam e mobilizam lembranças, que provocam novas imagens e se desdobram em histórias. Assim, podemos pensar na imagem como um signo mediador dessas lembranças que surgirão no trabalho de imaginação. Portanto, a fotografia, por se tratar de um elemento que auxilia e transforma os processos psicológicos, pode ser considerada um signo.

Para Vigotski, os seres humanos apresentam dois tipos de memória: uma chamada de natural ou elementar e outra de indireta ou mediada. A primeira – predominante em crianças em idade pré-escolar e povos iletrados – é causada “[...] pela influência direta dos estímulos externos sobre os seres humanos. Sob esse ponto de vista, podemos dizer que se trata da lembrança pura, quando algo é recordado mediante a apresentação do estímulo” (BRAGA, 2000, p.83).

A segunda está relacionada, por exemplo, às lembranças que se têm a partir de uma fotografia. De acordo com Braga, (2000, p.83) ela “pressupõe a utilização de auxiliares mnemônicos que modificam a estrutura psicológica do processo” e “[...] estendem a operação de memória para além das dimensões biológicas do sistema nervoso humano, permitindo incorporar a ele estímulos artificiais, ou autogerados, que chamamos de signos” (VIGOTSKI, 1991, p.44). Nesse caso, algum elemento é utilizado para ajudar na lembrança, ou seja, essa memória está ligada à utilização de um signo.

Guiado pela ideia de que as relações entre estímulo-resposta não são diretas, mas sim triangulares por também envolverem a ação de formas de mediação, Vigotski realizou estudos sobre a memória humana desenvolvendo experimentos para analisar o uso de signos no processo de recordação. A partir de experimentos, pode-se concluir que há

uma transição de um tipo de memória natural a um tipo cultural. Ele [Vigotski] considera a existência de três estágios no processo de memorização ‘natural’ próprio das crianças que ainda não entraram na escola; o da memorização ‘mediada’, das crianças em período escolar, com

predominância do uso de signos externos; e o estágio dos adultos, onde os signos externos passam a ser internos”. (BRAGA, 2000, p.89).

Ou seja, nessa última há uma forma superior de mediação. Na fase da memorização mediada, o que difere entre os adultos e as crianças é a qualidade da mediação. O primeiro utiliza a palavra oralizada como único elemento mediador e o segundo, além desta, utiliza algum objeto (BRAGA, 2000).

Segundo Vigotski, o uso e a criação de signos atribui ao homem um aspecto criador e isso é o que os distingue radicalmente dos animais (BRAGA, 2010). Segundo Pino, pesquisas comprovam a existência de *sistemas sinaléticos* altamente especializados na transmissão de informação entre os animais; no entanto, faz a distinção entre estes e os complexos sistemas de mediação semiótica humanos. Esse autor explica que

Os processos mediadores multiplicam-se na vida social dos homens, em razão, sobretudo, da complexidade das suas relações sociais. Diferentemente dos animais, sujeitos aos mecanismos instintivos de adaptação, os seres humanos criaram instrumentos e sistemas de signos cujo uso lhes permite transformar e conhecer o mundo, comunicar suas experiências e desenvolver novas funções psicológicas. (1991, p.33)

Os signos, orientados para regular as ações sobre o psiquismo das pessoas, têm uma natureza reversível que os torna particularmente aptos para a regulação da atividade do próprio sujeito. Assim, esses podem ser considerados os mediadores na formação da consciência (PINO, 1991). Quando os signos são incorporados à ação prática, as funções elementares passam a ser superiores.

Um exemplo clássico que Vigotski usa para analisar o processo de significação é a análise do gesto de apontar do bebê. No movimento de um bebê que fica com as mãos paradas no ar ao tentar pegar algo distante, o apontar é representado por esse movimento, mas para o bebê é um simples movimento. Quando um adulto nota esse movimento, a situação muda e o movimento torna-se um gesto para os outros. Assim, o primeiro significado do movimento malsucedido de pegar é estabelecido pelo outro. Quando a criança

associa seu movimento à situação é que ela o compreende como um gesto de apontar e, a partir daí, a função do movimento muda e torna-se dirigido para o outro. O movimento de pegar se transforma no ato ou gesto de apontar (VYGOTSKY, 1991).

Nessa situação, o movimento de pegar se transforma em um gesto, em um signo. A partir desse processo podemos perceber que

Um processo interpessoal é transformado em um processo intrapessoal. Todas as funções no desenvolvimento da criança aparecem duas vezes: primeiro, entre pessoas, (interpsicológica), e, depois, no interior da criança (intrapsicológica). (...) Todas as funções superiores originam-se das relações reais entre indivíduos humanos. (VIGOTSKI, 1991, pp.57, 58)

Ou seja, “o gesto, com seu caráter comunicativo, é criado na interação. Desse modo, a criança passa a ter controle de uma forma de sinal (ainda que rudimentar) a partir das relações sociais” (VIGOTSKI, 1991, p.58).

2.2. Fotografia e imagem

Ao olharmos para uma imagem, mais especificamente para uma fotografia, podemos conhecer aspectos do passado, compreender relações sociais, lembrar fatos ocorridos, pessoas que passaram por nossas vidas, imaginar coisas que poderiam ter acontecido, vivenciar sentimentos, lembranças que, sem a ajuda desse artefato poderiam não se constituir. Além de atuarem na memória, as fotografias atuam na imaginação, no pensamento, na comparação, no planejamento, ou seja, em todas as funções psicológicas superiores.

Segundo Kossoy, em seu livro *Fotografia e História*, ao mesmo tempo em que esta fonte revela informações e conhecimentos para uns, pode despertar sentimentos de afeto, ódio ou nostalgia em outros. Assim percebemos o papel mediador de memórias da fotografia, tanto como aquisição de conhecimento como de lembranças (KOSSOY, 2001).

Considerando-a como algo que expressa um fragmento determinado da realidade passada, esse objeto

[...] oferece indícios quanto aos elementos constitutivos (assunto, fotógrafo, tecnologia) que lhe deram origem, por outro, o registro visual nele contido reúne um inventário de informações acerca daquele preciso fragmento de espaço/tempo retratado. O artefato fotográfico, através da matéria (que lhe dá corpo) e de sua expressão (o registro visual nele contido), constitui uma fonte histórica. (KOSSOY, 2001, p.47)

Portanto, a fotografia não é um documento apenas pelo que está representado em sua imagem, mas também por seu autor, o fotógrafo, e pela tecnologia que lhe proporcionou uma configuração característica e viabilizou seu conteúdo (KOSSOY, 2001). Assim, é possível descobrir elementos do passado tanto por sua imagem quanto pelo que está por trás disso, como o autor ou a tecnologia utilizada no processo. Assim, uma fotografia original pode ser considerada um *objeto imagem*, ou seja, um *artefato* no qual se pode detectar em sua estrutura as características técnicas típicas da época em que foi produzido.

Além de apresentar provas através da matéria e de sua expressão, como esclarece Kossoy, segundo Leite, em seu artigo *Texto visual e texto verbal* (1998), Bourdieu diz que, por dedução e síntese, é possível obter informações que não se encontram diretamente visíveis na fotografia. “Após uma leitura inicial que seria um exercício de identificação, a fotografia admite a interpretação, que resulta de um esforço analítico, dedutivo e comparativo” (LEITE, 1998, p.40). Assim, também podemos perceber a imagem como um texto a ser lido. Para Eco, elas “[...] não existem ainda sob a forma de textos escritos, mas devem tornar-se os textos que você inserirá na tese à guisa de documentos” (ECO, 2006, p.35).

Desde sua invenção, que ocorre no contexto da Revolução Industrial, esse objeto

[...] propiciaria, de outra parte, a inusitada possibilidade de autoconhecimento e recordação, de criação artística (e, portanto de ampliação dos horizontes da arte), de documentação e denúncias graças a sua natureza testemunhal (melhor dizendo, sua condição técnica de registro preciso do aparente e das aparências). Justamente em função deste último

aspecto ela se constituiria em uma arma temível, passível de toda sorte de manipulações, na medida em que os receptores nela viam, apenas, a 'expressão da verdade', posto que resultante da 'imparcialidade', da objetiva fotográfica. (KOSSOY, 2001, p.27)

As imagens, consideradas “expressões de verdade”, são documentos para a história e também para a história da fotografia. São documentos para a história ao representarem “[...] um meio de conhecimento da cena passada e, portanto, uma possibilidade de resgate da memória visual do homem e do seu entorno sociocultural” (KOSSOY, 2001, p.55), ou seja, um instrumento de apoio à pesquisa, como meio de conhecimento visual da cena passada, como interpretação da vida histórica. Para a história da fotografia, ela é uma contribuição enquanto reveladora de técnicas fotográficas, estilos e tendências de representação vigentes em certo momento histórico.

De acordo com Leite, muitas vezes, imagens são deixadas de lado por sua ambiguidade e pelos obstáculos que aparecem em sua leitura. Para ela, “[...] os textos visuais, associados com maior frequência ao contexto artístico e social, ficaram relegados à condição de ilustração dispensável ou superlativa” (LEITE, 1998, p.39). No entanto, há pesquisadores que veem as imagens como fontes documentais reveladoras de um potencial enorme que deve ser explorado e, por isso, jamais devem ser entendidas como meras “ilustrações de texto”.

Segundo Kossoy, embora haja uma conscientização por parte de algumas instituições, ainda há muito para ser mudado em termos de mentalidade quanto à importância das imagens como fontes documentais.

2.2.1. As imagens e o realismo

Vimos que as fotografias podem ser consideradas “expressões da verdade”, documentos que possibilitam o conhecimento de fragmentos do passado e que revelam conteúdos, tanto a partir de suas imagens quanto a partir de suas técnicas, estilos e tendências de representações. Ou seja, a fotografia não é documento apenas pelo que é revelado em sua imagem. Elementos do passado podem ser descobertos pelo que está por trás disso. A

partir de sua interpretação é possível obter informações que não estão diretamente visíveis na fotografia.

Dubois, em seu livro *O ato fotográfico*, faz uma pequena retrospectiva histórica sobre a questão do realismo na fotografia e mostra que esse artefato, além de uma expressão da verdade, também foi considerado um espelho do real, reprodução verdadeira ou imitação da realidade.

O primeiro discurso sobre a fotografia é posto desde o início de sua prática e considerava a fotografia como a imitação mais perfeita da realidade:

[...] de acordo com os discursos da época, essa capacidade mimética procede de sua própria natureza técnica, de seu procedimento mecânico, que permite fazer aparecer uma imagem de maneira 'automática', 'objetiva', quase 'natural' (segundo tão somente as leis da ótica e da química), sem que a mão do artista intervenha diretamente. (DUBOIS, 1993, p.27)

Assim, a fotografia foi oposta à obra de arte, que era produto do trabalho de um artista. Baudelaire era dos que apoiavam essa concepção. Acreditava que o fotografo não tinha nada a ver com a produção da fotografia: “[...] ele contenta-se em assistir à cena, não passa do assistente da máquina” (*Ibid.*, p.28). O poeta estabelece uma separação radical entre a fotografia, como instrumento de uma memória documental de real, e a arte, como pura criação imaginária. Assim, para ele, a fotografia auxilia como um servidor da memória, uma testemunha, e não deve invadir o campo da criação artística (DUBOIS, 1993).

Com essa separação entre arte e fotografia, a fotografia foi considerada um meio muito mais bem adaptado para a reprodução mimética do mundo. Assim, a ela foi atribuída a função social e utilitária que, antes, eram atribuídas à arte pictural. Portanto, antigos retratistas oficiais foram transformados em fotógrafos profissionais. Segundo Walter Benjamim (apud DUBOIS, 1993, p.31), “[...] a maioria dos inúmeros miniaturistas se tornaram fotógrafos profissionais, a princípio acessoriamente, depois de maneira exclusiva”.

Portanto, ficou clara a separação entre as duas técnicas: “[...] à fotografia, a função documental, a referência, o concreto, o conteúdo; à pintura, a busca formal, a arte, o imaginário” (*Ibid.*, p.32). A partir dessa separação,

segundo Dubois (1993), o surgimento da fotografia libertou as artes da obsessão pela semelhança.

Nesse discurso,

[...] o sujeito pintor faz a imagem passar por uma 'visão', uma interpretação, uma maneira, uma estruturação, em suma, por uma presença humana que sempre marcará o quadro. Ao contrário, a foto, naquilo que faz o próprio surgimento de sua imagem, opera na ausência do sujeito. Disso se deduziu que a foto não interpreta, não seleciona, não hierarquiza. (*Ibid.*, p.32)

A partir do século XX, surge um discurso desconstrutor que considera a fotografia como transformadora do real. Ele se manifesta como “[...] uma reação contra o ilusionismo do espelho fotográfico” (*Ibid.*, p.26). A ideia contesta a “[...] pretensa neutralidade da Câmera escura e a pseudo-objetividade da imagem fotográfica” (*Ibid.*, p.39). Tentou mostrar que “[...] a imagem fotográfica não é um espelho neutro, mas um instrumento de transposição, de análise, de interpretação e até de transformação do real [...]” (*Ibid.*, p.26).

Esse discurso mostra que há uma possibilidade de decodificação da imagem fotográfica:

[...] depois das análises semióticas, as considerações técnicas vinculadas à percepção e às desconstruções ideológicas, eis os propósitos determinados pelos usos antropológicos da foto, que mostram que a significação das mensagens fotográficas é de fato determinada culturalmente, que ela não se impõe como uma evidência para qualquer receptor, que sua recepção necessita de um aprendizado dos códigos de leitura. (*Ibid.*, p.42)

Em discursos habituais, as fotografias são consideradas “[...] como provas incontroversas (reproduções verdadeiras da realidade), surge, contudo, em sua leitura, a apreensão das deformações impostas pelo fotógrafo, pelos recursos técnicos, pelos valores sociais e culturais” (SONTAG, 1977 apud, LEITE, 1998, p.40). Ou seja, as fotografias aparecem, ao contrário dos discursos primários a seu respeito, como objetos possíveis de manipulação pelo fotógrafo, que tem o poder de influenciar os resultados de seu produto.

2.3. Cultura material escolar

Estudos que demonstram preocupação com materiais escolares começam a aparecer em meados do século XVI, nos estudos de Comenius (SOUZA, 2007). No entanto, somente a partir do século XIX “[...] a construção de prédios escolares, o surgimento de moderno mobiliário escolar e novos materiais de ensino proliferam de forma considerável articulando-se com a pedagogia moderna, o processo de escolarização em massa e a expansão do mercado industrial” (SOUZA, 2007, p.163).

Exposições Pedagógicas do século XIX mostravam e colocavam em circulação produtos industriais de modernização educacional na Europa e nos Estados Unidos. A partir de então, o papel dos materiais, juntamente com os métodos, programas e propostas de educação, foi sendo redefinido e esses foram os representantes dos avanços educacionais ocorridos em cada país. (SOUZA, 2007)

Os mais variados materiais apareciam nas exposições. “[...] desde as plantas dos prédios escolares, os móveis e acessórios, até os materiais de uso em sala de aula para finalidades diretas do ensino: quadro-negro, mapas, livros etc.” (*Ibid*, p.164). Essa diversidade justifica os múltiplos sentidos que o termo cultura material escolar foi assumindo ao longo dos anos (SOUZA, 2007).

Desde o surgimento do termo, a cultura material escolar contemplou diversos artefatos que ora diminuía, ora ampliavam sua composição. O termo já foi utilizado por profissionais da educação no Brasil para designar

[...] o conjunto dos artefatos materiais necessários para o funcionamento das escolas envolvendo mobiliários e acessórios, infraestrutura do prédio escolar, equipamentos e utensílios destinados ao ensino das matérias como cartilhas, livros de leitura, mapas, globos, laboratórios de física e química e outros. (SOUZA, 2007, p.169)

A partir da segunda metade do século XX, o termo designou apenas objetos utilizados por professores e alunos no processo ensino-aprendizagem. Ultimamente, a área da História da Educação voltou a utilizar amplamente o

termo, considerando cultura material escolar todas as edificações, mobiliário, materiais didáticos, recursos audiovisuais e novas tecnologias do ensino (SOUZA, 2007).

De maneira sensível, Rockwell, em seu texto *Metáforas para encontrar histórias inesperadas* (2006), considera a cultura material escolar uma metáfora para conhecer realidades passadas e presentes na escola. Para isso, a autora parte do significado que a palavra “metáfora” tem em grego: Algo que nos leva além... Ou seja, para ela, essas metáforas servem para encontrar processos históricos que não estão evidentes nas histórias oficiais. Então, a partir de elementos que fazem parte da cultura material de um espaço escolar, desde aspectos da arquitetura até mobiliários e objetos inócuos, é possível revelar diversas facetas da realidade.

Assim, móveis, acessórios, quadro negro, mapas, livros, bancos, carteiras, ou seja, toda a composição material da educação escolar podem ser metáforas que revelam aspectos do cotidiano escolar de um determinado tempo e espaço. Para Souza (2007), esses objetos “[...] vinculam concepções pedagógicas, saberes, práticas e dimensões simbólicas do universo educacional constituindo um aspecto significativo da cultura escolar” (p.165) Portanto, elementos que estão além do objeto podem ser revelados. “[O] aparecimento, o uso, a transformação e o desaparecimento desses objetos, são reveladores das práticas educacionais e suas mudanças [...] O significado dos objetos escolares que, além de instituírem um discurso e um poder, informam valores e concepções subjacentes à educação” (*Ibid.* p.165).

A história do lápis, por exemplo, pode mostrar transformações profundas nas práticas de ensino; o estudo de cadernos escolares remete diretamente às práticas cotidianas e dá indícios das reelaborações dos conteúdos escolares.

No entanto, a pesquisa dos objetos necessita do auxílio de outras fontes documentais.

Não apenas vem sendo revisitada a documentação escrita, como a documentação oral e iconográfica tem sido requisitada de modo a oferecer vestígios que nos permitam, além de inventariar os artefatos presentes historicamente no interior das instituições escolares, percebê-

los no âmbito de uma história sensorial da escolarização. (VIDAL e SILVA, 2011, p.32)

Segundo Peres e Souza (2004),

[...] a análise da cultura material escolar não pode se esgotar no estudo do próprio artefato, ou seja, é necessário entender que os significados não estão nos objetos apenas, mas nas condutas, valores e sentidos que são atribuídos pelos sujeitos que deles fazem uso. É a ação humana, nesse caso específico, em especial a ação dos professores e alunos, que confere sentido e valor aos objetos escolares, relevando projetos sociais e pedagógicos [...] (p.55,56)

Um tipo de fonte bastante importante no estudo da cultura material escolar são as fontes iconográficas. “Fotografias, gravuras e desenhos (inclusive infantis) podem trazer elementos para o entendimento dos modos como os artefatos foram sendo introduzidos nas escolas e indiciar as formas de sua apropriação pelos sujeitos em situações escolares” (VIDAL e SILVA, 2011, p.33).

Nesse sentido torna-se importante discutir o tema da cultura material escolar nesta pesquisa. As fotografias envolvidas neste trabalho dão muitas pistas sobre a EMEF Solano Trindade. “[M]ais do que documentos escritos, a memória preservada nas fotografias expressa a mudança profunda na materialidade escolar, que acompanha, em cada época, a transformação dos processos produtivos impulsionados pelos objetivos da política educacional, pelo desenvolvimento científico-tecnológico e pela nova organização do trabalho” (CIAVATTA, 2009, p.40). Assim, a fotografia não é um elemento pertencente à cultura material, mas sim, uma fonte reveladora de seus elementos.

3. Métodos de pesquisa

3.1. Metodologia da pesquisa com imagens

O método para se trabalhar com fotografias como fontes de pesquisa que será apresentado a seguir está baseado no que Kossoy escreveu em seu livro *Fotografia e História* (2001).

Segundo o autor, o primeiro passo é o da heurística em que se estuda a pesquisa das fontes. A partir dela se dará a localização e seleção do material que será utilizado como fonte de pesquisa. Portanto, serão escolhidas as fontes que serão trabalhadas que podem ser escritas, orais, iconográficas ou objetos.

As fontes iconográficas podem ser de dois tipos: as originais ou impressas. As originais são fotografias de época, de coleções públicas ou privadas que dão informações sobre a autoria dessas representações, tecnologia empregada, temáticas exploradas ou solicitadas e pistas para determinação das datas e locais em que foram tiradas e as impressas, normalmente são fotografias que serviram de ilustrações para os mais diferentes assuntos como publicações históricas, revistas ilustradas e cartões postais, desenhos e pinturas.

O segundo passo é o estudo técnico iconográfico ou “crítica externa”. Nele há o exame para o entendimento das fontes fotográficas. Nesse estudo, a natureza do documento é o que interessa.

Após essa etapa, há a pesquisa da procedência e trajetória do documento fotográfico. O registro com exatidão da existência, os conteúdos e os caracteres da fonte para saber qual é sua origem quanto ao tempo e lugar. Dessa forma, pistas para análise preliminar e para interpretações que se seguirão poderão ser trazidas.

A determinação da origem do material nem sempre será possível, mas isso não impede o prosseguimento das pesquisas. As análises que ocorrerão ao longo da pesquisa trarão informações que podem resolver questões sobre a origem do material que ficaram em aberto.

A última etapa consiste em

(...) reunir o maior número de dados seguros para a determinação do assunto, fotógrafo e tecnologia (os elementos constitutivos) que deram origem a uma fotografia num preciso espaço e tempo (as coordenadas de situação). Essa determinação se fará através da *análise técnica* (análise do artefato, a matéria, ou seja, o conjunto de informações de ordem técnica que caracterizam a configuração material do documento) e da *análise iconográfica* (análise do registro visual, a expressão, isto é, o conjunto de informações visuais que compõem o conteúdo do documento). (KOSSOY, 2001, p.77)

O exame técnico-iconográfico é realizado conjuntamente. A partir das informações implícitas e explícitas é que se constitui o processo que se completa com a fotografia. A inter-relação entre os caracteres internos e externos deve ser realizada constantemente. Assim, poderão ser determinados com precisão os componentes do material analisado.

A evolução dos processos fotográficos possibilita que, a partir da identificação da tecnologia aplicada, possa se recuperar, com relativa aproximação, a época da produção da fonte. Mas, ao se encontrar alguma referência sobre o fotógrafo, pode-se precisar a época na qual foi tirada.

A análise do conteúdo da fotografia implica na verificação de todos os detalhes da imagem. Deve-se examinar cuidadosamente a imagem a procura de informações escritas, por exemplo, como nomes de ruas, placas comerciais, cartazes referentes a eventos da época, que auxiliem na busca pelo local e tempo da fotografia.

Algo que pode guiar as análises de fotografias que serão feitas é o que Mauad faz em seu artigo *Fotografia e História: possibilidades de análise* (2008). Ela estruturou a análise da mensagem fotográfica em cinco dimensões espaciais:

1. O espaço fotográfico compreende o recorte espacial processado pela fotografia, incluindo a natureza deste espaço, como se organiza, que tipo de controle pode ser exercido na sua composição e a quem este espaço está vinculado – fotógrafo amador ou profissional –, bem como os recursos técnicos colocados à disposição. Nesta categoria estão sendo consideradas as

informações relativas à história da técnica fotográfica e os itens contidos no plano da expressão – Tamanho, enquadramento, nitidez e produtor [...]

2. O espaço geográfico compreende o espaço físico representado na fotografia, caracterizados pelos lugares fotografados e a trajetória de mudanças ao longo do período que a série cobre. [...]
3. Ao espaço do objeto estão integrados todos os objetos fotografados tomados como atributos da imagem fotográfica. Analisa-se, nesta categoria, a lógica existente na representação dos objetos, sua relação com a experiência vivida e com o espaço construído. [...]
4. O espaço da figuração é composto pela pelas pessoas e animais retratados, pela natureza do espaço (feminino/masculino, infantil/adulto), a hierarquia das figuras e seus atributos, incluindo-se aí o gesto [...]
5. No espaço da vivência (ou eventos) estão circunscritas as atividades, vivências e eventos que se tornam objeto do ato fotográfico. O espaço da vivência é concebido como uma categoria sintética do ato fotográfico, superando em muito o tema, à medida que, ao incorporar a ideia de performance, ressalta a importância do movimento, mesmo em imagens fixas. Ou, para utilizar-se a terminologia de Cartier-Bresson, trata-se do movimento de quem posa ou é flagrado por um instantâneo e do movimento de quem monta a cena ou capta o ‘momento decisivo’. (MAUAD, 2008, pp.33, 34)

3.2. Pesquisa documental de cunho qualitativo

Esta é uma pesquisa documental de cunho qualitativo. Nela estão sendo usadas como fonte documental fotografias coletadas e/ou organizadas pelos projetos “Memória, narrativa e a dimensão discursiva da experiência escolar” e “Do registro de memórias à construção de um memorial na EMEF Solano Trindade: relação escola/comunidade, formação docente e práticas pedagógicas”, já mencionados na introdução deste relatório.

Em termos gerais,

[a] pesquisa qualitativa ou naturalística, segundo Bogdan e Biklen (1982), envolve a obtenção de dados descritivos, obtidos no contato direto do pesquisador com a situação estudada, enfatiza mais o processo do que o produto e se preocupa em retratar a perspectiva dos participantes. (LÜDKE e ANDRÉ, 1986, p.13)

Segundo os mesmos autores citados por Lüdke e André (1986), cinco características configuram a pesquisa qualitativa:

- 1) A pesquisa qualitativa tem o ambiente natural como sua fonte direta de dados e o pesquisador como seu principal instrumento. Segundo os dois autores, a pesquisa qualitativa supõe o contato direto e prolongado do pesquisador com o ambiente e a situação que está sendo investigada, via de regra, através do trabalho intensivo de campo. [...]
- 2) Os dados coletados são predominantemente descritivos. O material obtido nessas pesquisas é rico em descrições de pessoas, situações, acontecimentos; inclui transcrições de entrevistas e de depoimentos, fotografias, desenhos e extratos de vários tipos de documentos. [...]
- 3) A preocupação com o processo é muito maior do que com o produto. O interesse do pesquisador ao estudar determinado problema é verificar como ele se manifesta nas atividades, nos procedimentos e nas interações cotidianas. [...]
- 4) O significado que as pessoas dão às coisas e à sua vida são focos de atenção especial pelo pesquisador. Nesses estudos há sempre uma tentativa de capturar a perspectiva dos participantes, isto é, a maneira como os informantes encaram as questões que estão sendo focalizadas. Ao considerar os diferentes pontos de vista dos participantes, os estudos qualitativos permitem iluminar o dinamismo interno das situações, geralmente inacessível ao observador externo.[...]
- 5) A Análise dos dados tende a seguir um processo indutivo. Os pesquisadores não se preocupam em buscar evidências que comprovem hipóteses definidas antes do início dos estudos. As abstrações se formam ou se consolidam basicamente a partir da inspeção dos dados num processo de baixo para cima. (LÜDKE e ANDRÉ, 1986, pp.11-13)

Os projetos que deram origem a esta Iniciação Científica, apresentados na introdução deste relatório, visam um maior conhecimento da memória da EMEF Solano Trindade, do bairro no qual se localiza e dos sujeitos que ocupam esse espaço, bem como da realidade e das necessidades locais, para que se promova um diálogo sobre a relação escola/comunidade, a identidade da escola e as práticas pedagógicas. Para isso, são realizadas atividades como a busca de relatos orais e de documentos textuais e iconográficos (mapas, documentos oficiais, jornais, atas de associações de bairro, história dos

sujeitos participantes e da história do patrono, registros fotográficos, cadernos, livros e outros materiais escolares), com a participação ativa de professores e coordenadores da escola, em reuniões durante a Jornada Especial Integral de Formação. Além disso, com a ajuda de bolsistas do Programa Aprender com Cultura Extensão e Fomento da Pró-Reitoria de Cultura e Extensão, fontes estão sendo organizadas, entrevistas sendo transcritas, documentos sendo digitalizados e um memorial para a preservação desse material foi fundado em dezembro de 2011.

São propostas algumas atividades na escola e no bairro que envolvem a participação de alunos, professores e outros funcionários da escola e moradores do bairro Jardim Boa Vista. Os participantes da pesquisa contribuem ativamente para a acumulação de fontes documentais.

3.3. Os documentos

Como dito anteriormente, foram acumulados relatos orais, documentação escolar, documentos textuais, história dos sujeitos participantes do contexto escolar, cadernos, livros e registros fotográficos do passado da escola e das pessoas que dela fazem e/ou fizeram parte. Atualmente, esses documentos estão sendo organizados no memorial inaugurado em dezembro de 2011, instalado em uma sala da EMEF Solano Trindade.

Como já explicitado, este trabalho de Iniciação Científica prioriza o trabalho com as fotografias coletadas. Esses objetos funcionam como documentos que possibilitam o conhecimento dos mais variados aspectos da sociedade, lidam com o passado histórico de forma eficiente e são elaboradas com outros objetivos que não o da pesquisa científica (GIL, 2008).

Por se tratar de uma análise de transformações de um meio social a partir do uso de fotografias – fontes documentais que revelam episódios específicos – e da observação de indícios e detalhes nas mesmas, vale considerar como abordagem metodológica de importância para esta pesquisa o paradigma indiciário, fundamentado na semiótica e discutido por Ginzburg (GÓES, 2000). Nesse paradigma, ao contrário de uma racionalidade que busca universais, propõe-se a valorização do singular, dos pormenores muitas vezes

negligenciados. Nesse sentido, a análise microgenética pode também contribuir com a ênfase nos detalhes, interações e cenários socioculturais. Tal método é decorrente da tese de Vigotski, na qual “[...] os processos humanos têm gênese nas relações com o outro e com a cultura, e são essas relações que devem ser investigadas ao se examinar o curso de investigação dos sujeitos” (GÓES, 2000, p.11).

Sobre o programa metodológico proposto por Vigotski, Góes mostra que ele se trata “[...] de uma abordagem processual pela qual um fenômeno só se define pela sua inserção na transição genética e pode ser compreendido na relação entre funcionamento individual e social” (GÓES, 1991, p.22).

Portanto, vale ressaltar a importância da utilização de documentos que ajudem a conhecer o contexto no qual essa escola está inserida e a realidade do bairro no qual ela se localiza para a interpretação das imagens. Segundo Geertz (1978), para compreender o real significado dos acontecimentos de outra cultura e interpretar os fatos ocorridos é necessário estar integrado ao grupo a ser estudado, pois sem a compreensão dos códigos culturais e da linguagem do grupo, não há embasamento suficiente para elaboração de argumentos.

Também se torna bastante importante o conhecimento do meio social que aparecerá nas imagens utilizadas como fontes de pesquisa.

Um conhecimento preexistente da realidade representada na imagem mostrou-se indispensável para o re-conhecimento do conteúdo da fotografia. Essa apreensão requer, além de aguçados mecanismos de percepção visual, condições culturais adequadas, imaginação, dedução e comparação dessa com outras imagens para que o intérprete possa se constituir num receptor competente. (LEITE, 1998, p.40)

3.4. Observação

Vale abordar o tema da observação neste relatório, pois ela é importante para a pesquisa que está sendo realizada com a utilização das fotografias como fonte documental, para que se conheça o contexto pesquisado e auxilie na análise dos materiais.

A utilização desse método possibilita

[...] um contato pessoal e estreito do pesquisador com o fenômeno pesquisado, [...] o observador pode recorrer aos conhecimentos e experiências pessoais como auxiliares no processo de compreensão e interpretação do fenômeno estudado. [...] A observação direta permite também que o observador chegue mais perto da 'perspectiva dos sujeitos', um importante alvo nas abordagens qualitativas. [...] a observação permite a coleta de dados em situações em que é impossível outras formas de comunicação. (LÜDKE e ANDRÉ, 1986, p.26)

Para que este método seja válido, a observação necessita ser controlada e sistemática. Um planejamento e uma preparação do observador são necessários:

É fato bastante conhecido que a mente humana é altamente seletiva. É muito provável que, ao olhar para um mesmo objeto ou situação duas pessoas enxerguem diferentes coisas. O que cada pessoa seleciona para 'ver' depende muito de sua história pessoal e principalmente de sua bagagem cultural. Assim o tipo de formação de cada pessoa, o grupo social a que pertence, suas aptidões e predileções fazem com que sua atenção se concentre em determinados aspectos da realidade, desviando-se de outros. Do mesmo modo, as observações que cada um de nós faz na nossa vivência diária são muito influenciadas pela nossa história pessoal, o que nos leva a privilegiar certos aspectos da realidade e negligenciar outros. Como então confiar na observação como um método científico?

Para que se torne um instrumento válido e fidedigno de investigação científica, a observação precisa ser antes de tudo controlada e sistemática. Isso implica a existência de um planejamento cuidadoso do trabalho e uma preparação rigorosa do observador.

Planejar a observação significa determinar com antecedência 'o quê' e 'o como' observar. A primeira tarefa, pois, no preparo das observações é a delimitação do objeto de estudo. Definindo-se claramente o foco da investigação e sua configuração espaço-temporal, ficam mais ou menos evidentes quais aspectos do problema serão cobertos pela observação e qual a melhor forma de captá-los. Cabem ainda nessa etapa decisões mais específicas sobre o grau de participação do observador, a duração das observações etc. (*Id. ibid.*, p. 26)

É necessário que a observação seja orientada "[...] em torno de alguns aspectos, de modo que ele nem termine com um amontoado de informações irrelevantes nem deixe de obter certos dados que vão possibilitar uma análise mais completa do problema [...] Segundo Bogdan e Biklen, o conteúdo das observações deve envolver uma parte descritiva e uma mais reflexiva" (LÜDKE e ANDRÉ, 1986, p.30). Na parte descritiva deve haver, por exemplo, descrição dos sujeitos, descrição dos locais e descrição de eventos especiais. Na reflexiva, reflexões analíticas referentes ao que está sendo aprendido pelo observador, reflexões metodológicas que envolvem os procedimentos e métodos utilizados e esclarecimentos necessários (LÜDKE e ANDRÉ, 1986).

4. Os espaços

[A] escola não é seguramente a mesma em todo o mundo capitalista, nem sequer nos países da América Latina. Pois, mesmo que se possa extrair leis e estruturas gerais do capitalismo, 'a escola se realiza num mundo profundamente diverso e diferenciado'. Por isso, 'tratar de mostrar e de mudar sua realidade multiforme exige que se abandone qualquer pretensão de unificá-lo de maneira abstrata e formal e que se abra a uma perspectiva micrológica e fragmentária. (ARICÓ, 1982, p.241 apud EZPELETA e ROCKWELL, 1986, p. 11)

Sendo diferente de qualquer outra escola, pois nenhuma escola é igual à outra, é fundamental a apresentação da EMEF Solano Trindade neste relatório e do bairro no qual ela se localiza. A descrição desses espaços trará informações de um estudo etnográfico³ realizado na escola e no bairro no qual ela se localiza e de visitas feitas a esses locais.

³ O título do estudo etnográfico usado como referência é "Relações sociais e seus significados no contexto escolar e seu entorno: um estudo etnográfico", de Thaís Brando Balázs da Costa Faria, trabalho de Iniciação Científica, sob orientação da Profa. Dra. Elizabeth dos Santos Braga, realizado em 2009 e 2010, com bolsa FEUSP.

4.1. A EMEF Solano Trindade

A EMEF Solano Trindade localiza-se no bairro Jardim Boa Vista, na divisa com o Município de Osasco. Em seu redor há casas de moradores do bairro, o Colégio Waldorf Micael de São Paulo e a favela do Morumbizinho. Ao lado da escola, passa um córrego poluído que serviu de motivo para um evento no bairro a favor de sua recuperação que ocorreu em novembro de 2011.

Nesta escola, há uma entrada para carros, por onde em geral entram os funcionários, e um portão para pedestres, para a entrada de alunos e pais que são atendidos na janela da secretaria (guichê). Na entrada dos funcionários (não exclusiva, pois por ela entram também pais que têm horário de atendimento com a coordenação ou direção, outras pessoas da comunidade, estagiários, pesquisadores, alunos etc.), há uma sala de espera em frente à secretaria. Junto à sala de secretaria existem duas pequenas salas de arquivos. A porta da secretaria dá para um corredor onde estão localizados a sala da direção, a sala da assistência de direção, a sala da coordenação pedagógica, os banheiros feminino e masculino dos funcionários, a sala dos professores adaptados, a sala do memorial da escola. No fim do corredor, encontra-se uma sala de informática com vinte e um computadores e duas impressoras. Ao seu lado, há uma sala de multimídia com cadeiras acolchoadas, um equipamento *data show* e outros instrumentos de multimídia. Após essa sala, uma grade separa o primeiro andar do segundo (mas ela não fica fechada durante o período de aula; apenas à noite). Assim como a maior parte das escolas públicas, esta também é cercada por grades e portões com cadeados, para segurança dos equipamentos.

Um pátio coberto faz ligações uma sala onde ficam guardados os livros didáticos, o almoxarifado (na sala que também é dos Auxiliares Técnicos de Educação), a lavanderia, os vestiários feminino e masculino, a cozinha com uma grande janela por onde os alunos são servidos (de um lado) e uma cozinha pequena para funcionários, a sala dos professores, equipada com banheiros para seu uso, a sala do grêmio estudantil, a sala de leitura, os banheiros feminino e masculino dos alunos (do outro lado). No início do pátio, há um palanque, que é usado em eventos (e brincadeiras durante o recreio), e,

ao final, encontram-se mesas e bancos usados como local de alimentação por alunos e funcionários.

A escola possui doze salas de aula e uma sala de recuperação paralela (distribuídas em dois andares), que recebem alunos de Ciclo I, Ciclo II e Educação de Jovens e Adultos (EJA) do Ensino Fundamental. O acesso às salas de aula é feito por corredores e escada. As aulas de Ciclo I são realizadas à tarde, as do Ciclo II de manhã e, à noite, quem frequenta a escola são os alunos de EJA. Atualmente a escola tem 820 alunos matriculados. Neste ano, a iluminação da escola foi renovada em toda a sua área (interna e externa), por um convênio com a Eletropaulo, que também realizou um trabalho pedagógico com os alunos.

Na parte externa da escola, há ainda uma sala S.A.A.I. (Sala de Apoio a Alunos de Inclusão) e uma sala de Educação Física (para guardar materiais usados nas aulas); três quadras (uma delas coberta) e um parque com vários brinquedos, com grama artificial e um tanque de areia. Em vários locais da área externa da escola (frente, estacionamento, lateral oposta e fundos) há árvores e outras plantas.

4.2. O Bairro Jardim Boa Vista e o Distrito Raposo Tavares

O bairro Jardim Boa Vista, localizado na periferia da Zona Oeste da cidade de São Paulo e pertencente ao distrito Raposo Tavares, conta com infraestrutura básica relativamente boa, fruto de lutas da comunidade e das associações de bairro ao longo dos últimos anos, mas ainda apresenta problemas, tais como loteamento irregular, áreas com risco de desabamento, ausência de equipamentos culturais, serviços de assistência social e parques.

Neste distrito há 24 escolas municipais (CEI, EMEI, EMEF), 8 escolas estaduais (básico, fundamental e médio) e 7 escolas particulares. No distrito há quatro unidades básicas de saúde, sendo uma delas, no bairro Jardim Boa Vista.

Nesse bairro, além da EMEF Solano Trindade, há uma CEI (CEI Roberto Arantes Lanhoso), uma EMEI (EMEI Dep. Gilberto Chavez), uma escola estadual de Ensino Fundamental e Médio (E.E. Prof. Oswaldo Walder) e uma

escola particular de Educação Infantil, Ensino Fundamental e Médio (Colégio Waldorf Micael de São Paulo). O bairro conta ainda com uma ONG, a Associação Comunitária Micael (ACOMI), ligada à Pedagogia Waldorf, que atende a crianças e jovens do bairro (tendo inclusive uma turma formada preferencialmente por alunos da EMEF Solano Trindade), assim como oferece atendimentos variados à comunidade (como atendimento médico e terapêutico); uma associação para coleta e reciclagem de lixo (Associação Vira Lata); uma associação de bairro (União de Moradores da Favela do Jardim Boa Vista); uma escola de samba (Sai da Frente); e um time de futebol (Apolo).

“Apesar de possuir cinco escolas e uma UBS, o Jardim Boa Vista não possui nenhum dos serviços de assistência social distribuídos pelo distrito Raposo Tavares, como Centro para Crianças e para Adolescentes, Centro para Juventude, Núcleo de Convivência de Idosos ou Abrigos” (Faria, 2010, p.12).

Dos poucos espaços públicos de esporte e lazer da região (um campo de futebol, uma quadra poliesportiva e duas quadras de bocha), nenhum se encontra no Jardim Boa Vista. O bairro não possui nenhum equipamento de lazer e apenas uma praça. Os raros espaços de diversão que a população possui são oferecidos pelas escolas. Essa situação tem sido alvo de movimentos em prol de modificações no ambiente, por parte de moradores e membros das escolas, UBS e associação de bairro.

5. Observações realizadas na EMEF Solano Trindade

Durante o desenvolvimento desta pesquisa, algumas visitas à EMEF Solano Trindade e ao bairro Jardim Boa Vista foram realizadas. Ora essas tinham foco apenas na observação desses espaços e das relações que neles se estabelecem, ora serviam para acompanhar e registrar eventos realizados pela escola e/ou pela comunidade. Como a observação não foi o procedimento metodológico principal e, sim, auxiliar, para esta pesquisa, essas observações não foram sistemáticas como propõem Lüdke e André (1986).

Com o intuito de obter alguns elementos sobre os códigos culturais dessa comunidade e qual é ou quais são as identidades da escola, conhecer

as práticas pedagógicas ali presentes, a sua rotina, as relações entre aluno/educador, aluno/aluno, educador/educador, escola/indivíduos que frequentam esse espaço, foram realizadas três visitas para acompanhar os três períodos escolares: matutino, vespertino e noturno.

Todos os ciclos (Ensino Fundamental I e II e Educação de Jovens e Adultos) ocupam o mesmo espaço, as mesmas salas em períodos diferentes. Portanto, a mesma sala que as crianças usam durante a tarde, os adultos utilizam à noite, como em grande parte das escolas públicas.

As salas, todas muito parecidas, apresentam lousas brancas, ventiladores, um alfabeto e os números pintados no alto da parede, trabalhos das crianças pendurados nos murais, a mesa do professor à frente, no canto esquerdo da sala, próximo à parede onde ficam as janelas com cortinas. Com pouca variação de uma sala para outra. Há 37 cadeiras e mesas de um tamanho que pessoas de todas as idades possam utilizar, ou seja, não há um tipo especial para as crianças e outro para os adultos e adolescentes.

No primeiro dia, as observações foram realizadas durante a tarde, hora em que o ciclo I do Ensino Fundamental ocupa os espaços da escola.

A sala acompanhada era de primeiro ano. Como a visita foi realizada na última semana de julho, dos 30 alunos, apenas 19 estavam presentes. Esses foram escolhidos como os que apresentam mais dificuldades e deveriam voltar mais cedo à escola para estarem mais adaptados à rotina quando o resto da turma chegasse. Essa foi uma decisão da equipe da direção, mostrando sua preocupação frente aos alunos com mais dificuldades.

Na lousa, a rotina que seguiriam naquele dia estava escrita no canto esquerdo: informática, organização, inglês, recreio, parque e lição. As atividades eram voltadas para alfabetização e pareciam mais descontraídas do que o normal. Essas tornavam o ambiente da sala de aula agradável para as crianças, leve e respeitoso. Com menos alunos, o educador parecia mais próxima deles e havia um respeito mútuo entre eles; educadora e crianças pareciam ter a possibilidade de se escutar com mais paciência e conseqüentemente de se compreenderem melhor.

No recreio, uma classe vai chegando por vez com seu educador, o pátio vai se enchendo de crianças e o barulho vai aumentando. A acústica do pátio

coberto da escola faz com que o som das crianças aumente e que um ruído permaneça constante durante todo o recreio.

As crianças que não trazem lanche formam uma fila para pegar a merenda preparada na escola – arroz com feijão e uma variação de proteína, como, por exemplo, ovo ou salsicha. Há quatro mesas no fundo do pátio coberto e as crianças podem escolher seus lugares. As mesas não são separadas por turma, ou seja, crianças de anos diferentes podem sentar-se à mesa juntas. As que terminam o lanche se encaminham para o parque localizado na parte externa, e brincam no escorregador, balança, trepa-trepa e outros brinquedos. A mesa de ping-pong, em frente ao parque, foi utilizada para as crianças sentarem e assistirem aos colegas brincarem. Esse parque se encontra em ótimas condições e é um bom espaço para que as crianças possam brincar.

O recreio é acompanhado por apenas dois vigilantes que se revezam entre o pátio coberto e o parque. O pátio é grande e é impossível ter uma visão de todo o espaço ao mesmo tempo.

No segundo dia, a visita ocorreu durante o período noturno, quando a escola recebe seus alunos de EJA (Educação de Jovens e Adultos). Nesse período, há apenas duas turmas, uma de cada etapa. Ambas estavam mais vazias que o normal. Muitos alunos faltam com frequência.

As aulas acompanhadas apresentavam exercícios de cópia da lousa. Boa parte da aula era ocupada por esse exercício. Um texto era copiado, mas não havia tempo para abrir para uma discussão. Os alunos mais rápidos, que acabavam o texto antes do resto da turma podiam dar continuidade aos exercícios propostos nas últimas aulas.

Na aula de História, que substituiu a aula de Matemática, um debate sobre democracia e cidadania foi aberto. Diferente das outras, por ser uma aula substitutiva, o conteúdo apresentado teve começo, meio e fim. Não houve nenhum tema para continuar sendo discutido em outra hora. O tema foi apresentado com uma pequena participação dos alunos na discussão e outro tema seria apresentado na próxima aula.

No intervalo, uma merenda igual à das crianças é servida. Enquanto conversam sobre a novela que estão perdendo, comem tranquilamente a

refeição que lhes é servida. Por mais que conversem em um tom de voz normal, o ruído é intensificado pela acústica da escola e, assim como nos outros períodos, permanece constante nos intervalos. O portão que leva ao parque permanece fechado durante a noite e todos os alunos esperam no pátio a aula recomeçar.

A rotina dos alunos do ciclo II do Ensino Fundamental foi observada no terceiro dia de visita. Os alunos, cheios de energia, tornam o ambiente mais agitado do que dos outros períodos. Esse foi um dia bastante significativo e cheio de impressões diferentes. Como as observações foram realizadas em salas de 5º ano e 8º ano, dois extremos foram acompanhados e comparados.

Os dois intervalos que acontecem durante as manhãs são bem parecidos. Em um, há alunos dos quintos e sétimos anos e no outro há alunos de sextos e oitavos anos com o intuito de diminuir a bagunça e as brigas. Grupinhos se reúnem e escutam as músicas baixadas em celulares; o tempo inteiro é possível ouvir diversas músicas amplificadas pela acústica do pátio. O contato físico entre os alunos é constante, principalmente entre meninas e meninos. Esse é o momento mais agitado da rotina da escola.

Na sala de aula, a agitação continua. No entanto, o comportamento dos alunos muda muito de ano para ano. No quinto ano, o educador parece mais próximo dos alunos, mas há muitas brincadeiras entre os alunos que não prestam atenção e que acabam atrapalhando os outros colegas. As risadas de mau gosto quando alguma criança erra uma resposta são frequentes. Isso não aparece no oitavo ano. Os alunos parecem ser mais unidos e parecem se respeitar mais.

A diferença entre a relação aluno/educador é brutal em relação aos anos observados. No quinto ano, o educador parece mais à vontade com as crianças, se permite fazer mais brincadeiras. Já no oitavo ano, o professor entra na sala impondo respeito de maneira dura. Chega falando firme com seus alunos, exigindo que participem e façam os exercícios propostos.

Em todos os períodos, muitos minutos das aulas foram perdidos por causa da dificuldade de apagar o que estava escrito na lousa branca. A tinta da caneta, quando secava, não saía do quadro com um apagador seco. Era necessário sair da sala, pegar um pano com água ou álcool. Só assim, a aula

podia continuar. Alguns professores reclamavam dizendo que este material atrapalhava muito o andamento das aulas.

De modo geral, a escola parece um bom ambiente de trabalho. Foi possível ouvir elogios de diversos professores, da equipe de direção e de outros funcionários da escola.

A partir das observações realizadas, transformações na escola são muito perceptíveis ao longo do dia. Em cada período ela ganha uma identidade marcante. Há características que se mantêm durante todo o tempo, mas outras vão surgindo e transformando o ambiente e as relações que existem nele. As atividades que acontecem entre os alunos durante os intervalos mudam, a relação entre os alunos e educadores dentro da sala de aula muda muito de período para período, os sons que escutamos são diferentes e essas mudanças vão criando atmosferas diferentes ao lugar.

Além dessas observações, outras também foram realizadas em três eventos ocorridos na escola (Mostra Cultural, ocorrida em novembro de 2011, Mostra Afro, em maio de 2012 e Festa Junina, em junho de 2012) e em um organizado pela escola, mas realizado fora de seu espaço (Corrida Ecológica, em novembro de 2011).

Todos contaram com a participação de alunos, professores e outros funcionários da escola e pessoas da comunidade. A escola esteve aberta em todos os eventos para as pessoas de fora.

Nos três eventos que ocorreram dentro da escola, houve apresentações de dança dos alunos. Nas mostras culturais, além das apresentações, também houve exposições de trabalhos realizados pelos alunos de todos os ciclos da escola: Fundamental e EJA.

Para a mostra cultural que envolveu a inauguração do memorial, houve a presença de Raquel Trindade, filha de Solano Trindade, além de outras pessoas importantes para a escola e o bairro. Raquel também se apresentou com o seu grupo e o grupo de percussão da escola e acompanhou a inauguração do novo espaço da escola que foi aberto naquele dia.

Na Festa Junina, cada série apresentou uma quadrilha. Houve a apresentação de um minueto, tradicional por ser realizado todos os anos nesse evento, e uma divertida quadrilha dos professores e funcionários da escola.

Fichas eram vendidas para a compra de alimentos preparados na cozinha da escola e para a participação nas brincadeiras organizadas pelos professores.

A corrida ecológica, realizada fora da escola, mas organizada por essa instituição, contava com a participação dos alunos para competições de corrida. Após o término da competição, houve uma caminhada seguindo o trajeto do córrego e o discurso da coordenadora da escola e de um vereador para conscientização das pessoas sobre a importância de um córrego limpo para o bairro e a premiação dos alunos campeões.

6. Organização documental

Barthes, em sua obra *A Câmara Clara*, revela um forte desejo em descobrir qual é a essência da fotografia, ou seja, qual o traço que a faz ser diferente dos outros tipos de imagens, além de sua técnica e seu uso. Segundo o autor, para essa descoberta, primeiramente, é necessário classificar uma coletânea de fotografias. No entanto, “Desde o primeiro passo, o da classificação [...] a Fotografia se esquivava” (BARTHES, 1984, p.12).

As divisões às quais ela é submetida são de fato ou empíricas (Profissionais/Amadores), ou retóricas (Paisagens/Objetos/Retratos/Nus) ou estéticas (Realismo/Pictorialismo), de qualquer modo, exteriores ao objeto, sem relação com sua essência, que só pode ser (caso exista) o Novo de que ela foi o advento, pois essas classificações poderiam muito bem aplicar-se a outras formas, antigas, de representação. Diríamos que a fotografia é inclassificável. (*Id. Ibid.*, pp. 12-13).

Apesar da ideia de Barthes sobre a impossibilidade de se classificarem as fotografias, foi necessária a criação de um critério de classificação para organizar o HD externo que reúne uma enorme quantidade de fotografias de eventos da escola, reuniões de professores, atividades pedagógicas, atividades pelo bairro Jardim Boa Vista, atividades relacionadas ao Projeto de Extensão, bem como de outros momentos relacionados à escola e ao bairro.

Esse HD está sendo utilizado para juntar e organizar fotografias que estão sendo salvas em diversos computadores da escola, em pastas aleatórias, sem um critério explícito de organização. A intenção é que, após toda essa organização, as pastas salvas no HD, sejam passadas para um computador que fará parte do Memorial da EMEF Solano Trindade, além do computador da Sala de Coordenação Pedagógica. Além disso, para que a organização seja mantida, os professores, coordenadores e outros funcionários da escola serão informados sobre o método de classificação e organização das pastas, podendo, assim, dar continuidade ao trabalho realizado. Portanto, ter esse material organizado também é de grande importância para a escola e para o memorial, pois além de contribuir para a organização desses espaços, facilita o acesso a esses documentos.

Para tal organização, a ajuda de pessoas que estão mais familiarizadas com o ambiente e com os eventos realizados foi bastante necessária. Para a identificação de certas imagens, muitas memórias foram solicitadas e, a partir delas, foi possível fazer uma identificação mais precisa do tempo e lugar fotografado. As fotografias antigas, que foram digitalizadas e arquivadas no HD, apresentavam algum tipo de legenda escrita por seus donos.

Sobre esse processo de relembrar memórias coletivamente, Braga (2000) apresenta a teoria de Halbwachs. Tal pesquisador estudou os quadros sociais da memória. Segundo sua teoria, as memórias dos indivíduos são coletivas, ou seja, lembrada pelos outros. “Assim, o autor relaciona a memória à participação em um grupo social, de forma que, quando nos lembramos, deslocamo-nos de um grupo a outro, em pensamento” (BRAGA, 2000, p.49).

O mesmo autor

[...] não considera a memória individual como condição suficiente para o ato de lembrar e reconhecer e nem a reconstituição ou depoimentos dos outros para a transformação da ‘imagem em lembrança’, ainda que seja um quadro vivo, mas considera que deva haver na pessoa uma “semente de rememoração”, não como um traço subsistindo autonomamente, mas que ela e as testemunhas façam parte de um mesmo grupo e que seus passados se confundam. Segundo ele, é preciso que haja pontos de contato entre as memórias individuais, para que as lembranças sejam reconstruídas

sobre uma base comum. A reconstrução das lembranças não envolve reconstituição “peça por peça” da imagem de acontecimentos do passado; ela opera a partir de noções comuns e passam de um para outro. Mas esse movimento só é possível se as pessoas fizeram ou ainda fazem parte de um mesmo grupo social. (BRAGA, 2000, p.51)

As pessoas que ajudaram na lembrança dos momentos registrados fazem parte dos espaços e participaram dos eventos que aparecem nas imagens. Portanto, podemos considerar que fazem parte de um mesmo grupo social de educadores que frequentam o mesmo ambiente escolar. Essas pessoas mostraram ter pontos de contato entre suas memórias, pois conseguiram reconstruir conjuntamente lembranças que foram fundamentais para a identificação das fotografias e que possibilitaram a organização do material.

Há algumas categorias que classificam as pastas nas quais as fotografias estão organizadas. Primeiramente elas foram separadas cronologicamente. Há cinco grandes pastas separadas por ano: 2008, 2009, 2010, 2011 e 2012. Esses foram os anos em que se iniciou a utilização de fotos digitais na escola e essas começaram a ser baixadas e arquivadas em seus computadores. Cada pasta referente a um ano contempla outras pastas separadas por tipo de atividades ou eventos mais abrangentes. Dentro dessas, há outras referentes a cada atividade, evento, reunião etc. e o nome de cada uma delas acompanha o mês no qual foi tirada.

Em todos os anos há pastas nomeadas como eventos da escola, reuniões da escola, atividades pedagógicas e projetos pedagógicos. A partir de 2010, além dessas, há uma para o Projeto de Extensão e outra, para os eventos do bairro.

Por enquanto, a organização está desta maneira:

2008 :

- **Eventos escola:** Formatura, dezembro;
- **Reuniões escola:** Reunião de pais, setembro;
- **Atividades pedagógicas:** passeio à companhia dos bichos, outubro;

2009:

- Eventos escola:

- Festa Afro, novembro;
- Festa das crianças, outubro;
- Festa dos professores, outubro;
- Dia da ação comunitária;

- Atividades pedagógicas:

- Sarau, maio;
- Passeio pelo bairro; atividades de esporte;

- Projetos pedagógicos:

- Projeto de criação de jogos educativos sobre saúde bucal, setembro;
- Projeto de informática do Seninha, outubro;

- Reuniões escola:

- Reunião pedagógica, janeiro;
- Reunião de pais de 1ª à 4ª série, abril;

- Dia a dia da escola:

- Recreio 3ª e 4ª série, abril;

2010:

- Eventos bairro:

- Construção da praça, outubro;

- Eventos escola:

- Dia da família, março;
- Festa 30 anos, dezembro;
- Festa junina, junho;
- Formatura, dezembro;

- Passeata do lixo, maio;
- Carnaval EJA, fevereiro;
- Arrecadação de dinheiro para formatura da 8ª série, novembro;

- Projeto de extensão:

- festa 30 anos, dezembro;
- Filme com Alex, maio;
- Fotos para revisa, dezembro;
- Passeio Tiago, abril;
- Visita bairro, maio;
- Entrevista Angélica, outubro;
- Entrevista Cris, outubro;

- Atividades pedagógicas:

- Desenho para convite córrego dos sonhos, maio;
- Formação hepatite B, março;
- Palestra de prevenção às drogas para EJA, maio;
- Palestra de prevenção às drogas para EF, maio;
- Projeto de bandeiras da copa - EJA, junho;
- Projeto bandeiras da copa Ciclo II, junho;
- Atividades com alunos de inclusão, fevereiro/março;
- Atividades com alunos monitores, fevereiro/março;
- Atividade de Páscoa, abril;
- Palestra primeiros socorros para professores, março;
- Palestra de motivação EJA, março;

- Reuniões escola:

- Reunião pedagógica, fevereiro;
- Reunião de JEIF, outubro;

- Reunião de pais, fevereiro;

- Dia a dia na escola:

- Ciclo I, fevereiro/março;
- EJA, fevereiro/março;
- Equipe de gestão, março; Ciclo II, março;
- Professores;

2011:

-Atividades Pedagógicas:

- Atividades do 1º ano, abril;
- Debate do grêmio para a gestão 2012;
- Atividade sobre propriedades do ar realizada pelos alunos da 8ª série, agosto;
- Aula de reforço com professor Luis, setembro;
- Projeto Boa vista em movimento, maio;
- Apresentação das chapas para o grêmio, setembro;
- Debate entre chapas para o grêmio, setembro;
- Debate entre chapas e votação para o grêmio de 2012;
- Amigos do Zippy, abril;
- Apresentação de dança;
- Apresentação da faculdade de enfermagem da USP, novembro;

- Eventos Bairro:

- Caminhada no Boa vista;
- Corrida ecológica, setembro;
- Reunião Rede Boa Vista, maio;

- Eventos Escola:

- Atividade gincana memorial, novembro;
- Mostra cultural de EJA, dezembro;

- Inauguração memorial, dezembro;
- Mostra pedagógica, dezembro;
- Páscoa, abril;
- Recuperação do córrego, novembro;
- Preparação de lembranças para dia das crianças, outubro;

- Projeto de Extensão:

- Atividades gincana memorial, novembro;
- Embu, novembro,
- Embu, setembro;
- Encontros projeto de extensão;
- Entrevistas Vitor Trindade, novembro;
- Entrevista Marcelo, novembro;
- Inauguração memorial, dezembro;
- Mostra Pedagógica, dezembro;
- Oficina centro de memória, julho;
- Organização memorial, novembro;
- Show Vitor Trindade, novembro;
- Visita Centro de Memória, julho;
- Visitas bairro escola, abril;
- Encontro do projeto de extensão, junho;
- Palestra Iomar, maio;
- Documentos digitalizados sobre Solano;
- Encontros projetos de extensão, 10 de maio;
- Encontros projeto extensão, 17 de maio;
- Vídeos entrevista Raquel Trindade, setembro;

- Projetos Pedagógicos :

- Projeto cartas;
- Projeto direitos humanos e valores

- Reuniões escola:

- Reunião de planejamento, fevereiro;
- Confraternização, novembro;
- Reunião pedagógica, julho;
- Reunião de JEIF sobre valores, maio;
- Reunião de JEIF, setembro;

- Dia a dia da escola:

- maio;
- fevereiro;
- abril;
- fachada da escola;
- espaços da escola;
- Alunos 7^aC março.

- Fotos ecaneadas Bairro,

- Fotos ecaneadas escola

2012:

- Atividades pedagógicas:

- Aulas sobre entrevista 5^a série, março;
- Ensaio da apresentação para dia das mães, 10 maio;
- Dia do desafio, maio;
- Atividades de geometria com profa. Maria Teresa, abril;
- Dobradura 2^o ano, maio;
- Realização das máscaras africanas, maio;
- Máscaras africanas, maio;

- Amigos do Zippy, maio;
 - Aula de reforço com profa. Tânia;
 - Oficina de bonecas , maio;
 - Visita ao memorial, maio.
- Carômetro;**
- Eventos escola:**
- Dia das mães, maio;
 - Festa Junina, junho;
 - Mostra Afro, maio;
 - Competição de xadrez, agosto;
 - Carnaval, fevereiro;
 - Atividades de início das aulas, fevereiro;
 - Mostra cultural, abril;
- Eventos bairro:**
- Reunião de bairro, abril;
 - Reunião de bairro março;
 - Vídeos, março;
 - Xequete mate pelo córrego, junho;
 - Cinema na rua, maio;
- Dia a dia na escola:**
- Visitas ao memorial
- Projeto de extensão:**
- Conversa com alunos do 4º ano;
 - Visita escola bairro, agosto e setembro.

A partir da organização apresentada, foi possível perceber que a quantidade de eventos e atividades fotografados aumentou muito desde o

início dos Projetos de Pesquisa e Extensão realizados na escola. Houve maior valorização da fotografia na escola. Nos anos de 2008 e começo de 2009, há poucas pastas salvas no HD. No entanto, a partir do fim de 2009, quando a professora Elizabeth Braga inicia seu Projeto de Pesquisa na escola, essa quantidade aumenta significativamente. Com o início do projeto uma valorização da fotografia na escola foi bastante visível. Atualmente, cartazes com fotografias de eventos da escola (como os que aparecem nas fotografias a seguir), organizados por professores, com o apoio da Coordenação e Equipe de Direção, decoram as paredes do espaço escolar.

Segundo a professora da escola mais envolvida com a questão das fotografias e responsável pela organização desses cartazes, o Projeto de Pesquisa realizado na escola é o grande motivador dessa mudança ocorrida na quantidade das fotografias. No entanto, não é só ele que contribui para a valorização das imagens. A equipe gestora também é grande incentivadora desse movimento. Para ela, como o Projeto de Pesquisa e Extensão está relacionado ao resgate da memória da escola e à sua história, as imagens não poderiam ficar de fora, pois essas são fontes ricas para revelar elementos do passado. A professora também pontua que as fotografias têm bastante importância na motivação dos alunos e autoestima dos professores.

As fotografias expostas revelam o envolvimento da escola com eventos culturais. A maioria das imagens mostra atividades e eventos realizados pela escola. Essas são selecionadas de modo que todas as atividades apareçam expostas, e que nelas, sejam demonstradas, principalmente, relações entre alunos e educadores.



(2)



(3)



(4)



- 1- Mural com fotografias de atividades culturais do primeiro semestre de 2012.
- 2- Mural com fotos da Festa Junina, realizada em junho de 2012.
- 3- Fotografia do corredor da coordenação, no qual cartazes com fotografias ficam expostos.
- 4- Fotografia do saguão da escola, no qual cartazes com fotografias ficam expostos

7. Análise de imagens

A partir das análises apresentadas a seguir, pretende-se tentativamente compreender algumas relações estabelecidas ao longo da história entre a escola, o bairro no qual está inserida e os sujeitos que fizeram e/ou fazem parte desses espaços, alguns dos diferentes papéis e significados que a escola pode ter assumido desde seu surgimento, analisar o processo histórico de transformação do espaço em questão e seus sujeitos e explorar transformações que foram ocorrendo na escola, no bairro e nos sujeitos a partir do que pode ser revelado pelos elementos que aparecem nas fotografias: a estrutura da escola, a composição do bairro, dos ambientes externos à escola, os comportamentos dos sujeitos que aparecem nas imagens, as relações de poder que se revelam etc. Para tal, foram escolhidas algumas fotografias que contemplam elementos bastante significativos nesse sentido.

As análises tentam seguir o que foi sugerido por Mauad (2008) para o processo de análise de imagens que é apresentado neste trabalho, no subcapítulo 3.1 - Metodologia da pesquisa com imagens. Então, foram observados os espaços representados na imagem, seus objetos e suas relações com o espaço, as pessoas retratadas e seus gestos e as atividades ou eventos fotografados.

Além da descrição dessas observações, há a tentativa de descobrir o que está por trás das imagens e o que elas representam. Para isso, informações de pessoas que estavam presentes ou que têm informações sobre os momentos retratados foram fundamentais.

Por ser uma pesquisa qualitativa, pelo que dizem Lüdke e André (1986, p. 11), “[a] análise dos dados tende a seguir um processo indutivo”. Portanto, aqui, as análises e reflexões sobre as imagens, tentam trazer elementos sobre a realidade a partir da leitura de pistas e indícios (GINZBURG apud GÓES, 2000).

8. Algumas fotografias e possíveis análises:



(1) Mostra cultural e inauguração do memorial, dezembro

O que é possível ver nessa imagem? Uma roda no pátio da escola com crianças e adolescentes vestidos com roupas do cotidiano, alguns segurando instrumentos musicais, em volta de uma mulher negra, segurando um microfone e pessoas sentadas ou em pé, assistindo à apresentação.

À esquerda é possível ver uma mulher em cima de alguma coisa, filmando o evento. Portanto, por estar sendo registrado, é possível que seja algo importante para a escola e/ou para as pessoas que estão se apresentando.

Dados além da fotografia informam que esta é a mostra cultural da escola que ocorreu no mesmo dia da inauguração do memorial. Nesse dia, trabalhos dos alunos foram expostos e outras apresentações, além da que aparece na foto foram realizadas. Para o evento, a filha de Solano Trindade, Raquel Trindade, foi convidada e é ela quem aparece no meio da roda. Neste dia, pessoas importantes para o bairro também foram convidadas e o espaço ficou o tempo inteiro aberto para que a comunidade pudesse visitá-lo.

No momento fotografado, o grupo de maracatu, os alunos que tocam percussão e Raquel estão apresentando o samba-enredo de 1976, da escola de samba Vai-vai, que homenageia Solano Trindade. Para Raquel, o momento

é de bastante emoção, no qual ela se sente prestigiada por homenagearem seu pai. Além dela, a escola também se sente prestigiada por ter a presença de uma figura tão significativa em uma data tão marcante.

O memorial apresenta materiais de quatro eixos pesquisados pelo Projeto de Extensão: memória do bairro, memória da escola, memória dos sujeitos que ocupam o espaço escolar e a história do patrono. Raquel foi bastante importante para a organização do memorial, pois levou muitas contribuições sobre o último tema pesquisado. Ela colaborou com objetos pessoais de Solano, informações e imagens da família. Portanto, além de ser a filha de Solano e representar seu pai nesse evento, ela tem grande importância por representar o legado que Solano deixou e guardar as memórias de seu pai e sua família.

Ao ficar no meio da roda, tendo as atenções voltadas para si, Raquel se coloca em um lugar de destaque, o que mostra a importância que representa para o lugar e para as pessoas que a assistem.



(2) Comemoração dos 30 anos da escola, dezembro de 2010.

Em 2010, houve uma festa de comemoração dos 30 anos da escola. Estiveram presentes nesse evento pessoas importantes para o processo histórico da escola, inclusive quatro ex-diretoras da escola, entre elas, a

primeira, e a então diretora em 2010. Atualmente, a escola é dirigida por uma pessoa que não aparece na fotografia, pois assumiu o cargo no início de 2012.

Foi nesse dia que, pela primeira vez, essas cinco diretoras se encontraram e a primeira diretora foi vista pelos atuais funcionários da escola. Todas deram depoimentos sobre quando exerceram seus cargos, tornando o momento um evento de memórias. Vivências e experiências foram trocadas e tudo se encontra registrado, podendo contribuir para o conhecimento da história da escola.

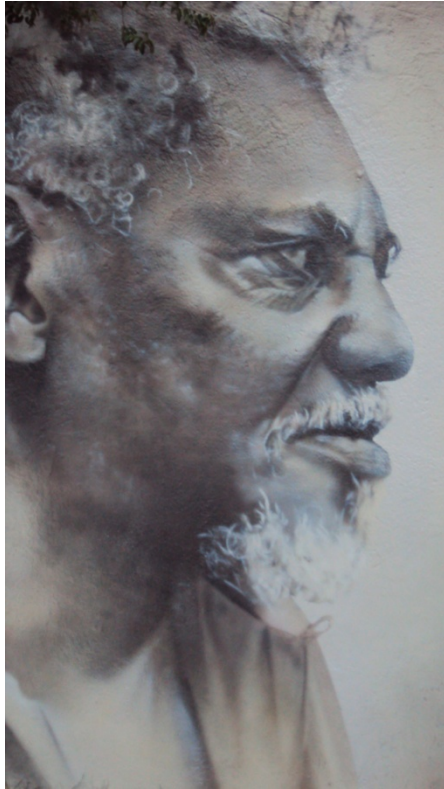
As duas imagens podem estar relacionadas, pois todas as mulheres que aparecem nas fotos podem ser consideradas signos ou símbolos da escola, pelo que significam e por participarem da identidade da escola. De acordo com a perspectiva de Vigotski, os signos são elementos mediadores que regulam as ações sobre o psiquismo das pessoas. Os signos nos ajudam a solucionar problemas psicológicos como pensar em objetos que não estão presentes, lembrar de situações vividas ou imaginar informações que não ocorreram etc.

Raquel e as diretoras podem ser consideradas signos, pois, além de serem mediadoras de memórias quando trazem em seus depoimentos elementos do passado, são figuras que remetem a pessoas, lugares, épocas e momentos vividos na escola.

A partir de seus relatos, é possível compreender relações sociais que eram estabelecidas, relacioná-los a fatos ocorridos, imaginar vivências por elas relatadas, vivenciar sentimentos etc. As informações trazidas por elas atuam na imaginação, no pensamento, na comparação, no planejamento, ou seja, em todas as funções psicológicas superiores.

Assim como as personagens das duas fotos anteriores representam signos, Solano Trindade, também o representa. Por ser o patrono da escola e, portanto, ser um símbolo desse lugar, sua imagem está sempre muito presente nesse espaço.

A imagem 3 representa um grafite realizado no muro na frente da escola, feito especialmente para a comemoração dos 20 anos da escola. Por seu grande significado, Solano é lembrado mesmo em eventos que não se referem diretamente a ele, misturando-se a sua figura à imagem da escola.



(3) Solano Trindade, Patrono da escola

(4) Imagem da comemoração dos 20 anos da EMEF Solano Trindade





(5) Festa Junina, junho de 2012.

Essa fotografia foi tirada na última Festa Junina da escola, realizada em junho de 2012.

Não é preciso usar outras fontes como referência para saber que essa é uma fotografia de uma festa junina. As bandeirinhas que enfeitam o espaço e os trajes usados pelas pessoas deixam evidente a situação na qual as pessoas se encontram. Na fotografia, crianças e alguns adultos aparecem vendo outros adultos se apresentarem em uma quadrilha. As pessoas que assistem à apresentação são os alunos da escola e seus familiares, ou seja, pessoas da comunidade na qual a escola se encontra. Assim como em outros eventos, a escola se abre para que pessoas do bairro participem desses momentos.

Essa imagem foi escolhida, pois, além de retratar um momento que ocorre todos os anos na escola e faz parte da nossa cultura e da cultura escolar, mostra a quadrilha dos funcionários. Este é o momento em que os alunos param para prestigiar seus professores e os verem com um olhar diferenciado. Neste momento é possível desmistificar os docentes e os enxergar como pessoas que se divertem como as outras, nas mesmas situações que os alunos.

Nessa situação, o professor é visto em seu ambiente de trabalho, porém assumindo outro papel, longe de ser uma autoridade, muito próximo de seus alunos, principalmente, por ambos estarem inseridos em uma mesma

atividade, assumindo a mesma atitude que os alunos assumiram durante suas apresentações.

Esse momento de descontração traz bastante alegria às pessoas que dele participam. É possível perceber a animação dos funcionários através de seus sorrisos, que também aparecem em outras fotografias do mesmo evento.



(6) Visita ao bairro, abril de 2011.

Nessa imagem vemos dois adultos, uma criança e uma adolescente no meio de uma rua do bairro. O homem com o avental – um elemento da cultura material escolar que o distingue dos outros membros da imagem e indica que é um professor – e óculos escuros trabalha na escola e nesse momento retratado está fazendo um passeio pelo bairro com outros docentes que fazem parte do Projeto de Extensão. Essa visita, assim como a visita à escola, acontece a cada ano e conta com a participação de professores, coordenadores, pesquisadora que atua na escola e alunos bolsistas que fazem parte do projeto.

Nessa situação, os alunos e professores se encontram fora do espaço escolar. Os alunos encontram-se nas ruas em que moram, na frente de suas casas. Assim como na Festa Junina, esse momento também possibilita que alunos e professores estabeleçam uma relação diferente da que é estabelecida no cotidiano, com regras e posições diferenciadas no espaço escolar.

É possível observar que há uma troca de carinho entre aluno e professor. A menina mais alta, que está abraçando o professor, demonstrando proximidade entre os dois e que gosta dele, provavelmente é sua ex-aluna. Neste momento é importante destacar a atenção que o professor dedica às meninas, pois ele interrompe seu passeio com os outros docentes para conversar com elas e com a outra moradora do bairro que possivelmente é mãe das meninas.

Após o passeio, professores relataram sobre a importância de momentos como esse, pois eles possibilitam que haja contato com o cotidiano dos alunos fora da escola e que eles compreendam mais as condições de vida dos mesmos.

A Festa Junina e o passeio pelo bairro são momentos que alteram o cotidiano. Os dois se relacionam, justamente, por apresentarem uma relação entre educador e aluno em condições diferentes das que ocorrem no dia-a-dia da escola. Em ambos há aprendizado e desenvolvimento e o envolvimento entre escola e comunidade: na festa, a comunidade entra na escola e no passeio, a escola sai para o bairro.

De acordo com a perspectiva Histórico-cultural, as interações sociais são fundamentais para a interiorização das formas culturalmente estabelecidas de funcionamento psicológico. É a partir dela que ocorre o desenvolvimento psicológico dos indivíduos (OLIVEIRA, 1997). Por isso, podemos afirmar que nas duas situações há aprendizado e desenvolvimento.

Além disso, nas interações sociais os signos deixam de ser marcas externas isoladas e passam a ser compartilhados pelos membros de um grupo social, permitindo a comunicação entre indivíduos particulares (OLIVEIRA, 1997). Nas duas imagens, por fazermos parte de um mesmo grupo social, podemos fazer a leitura de alguns gestos, esses também considerados signos. É possível perceber na imagem (6) que há carinho entre a menina mais velha e o professor pois essa expressa seu carinho através do gesto de abraçar. Na fotografia (5), podemos perceber que um momento de união entre os funcionários da escola é estabelecido. O gesto de dar as mãos, que ocorre em todos os pares participantes da quadrilha, simboliza essa característica do momento.



(7)



(8)



(9)

7 – Entrevista com a Professora Maria Cristina, outubro de 2010;

8 – Entrevista com a Professora Angélica, outubro de 2010;

9 – Entrevista com Vítor Trindade, novembro, 2011.

As três imagens selecionadas mostram entrevistas que foram realizadas pelas próprias educadoras da escola, que participam ou participaram do Projeto de Extensão. As duas primeiras foram realizadas na EMEF Solano Trindade e a última, realizada em Embu das Artes, no atelier do entrevistado. Todas fazem parte de acontecimentos para essas educadoras e outras pessoas da escola, pois essas foram mobilizadas e dedicaram tempo ao evento.

Nas duas primeiras fotografias, fica evidente que houve uma preparação das entrevistadoras e do ambiente para a realização da entrevista. Um cenário foi montado, dando um aspecto de maior formalidade ao momento, e um roteiro para ser seguido se encontra nas mãos das duas entrevistadoras.

A entrevista que aparece na primeira fotografia foi realizada na quadra de esportes da escola. Esse espaço foi preparado especialmente para a ocasião. Um sofá – objeto que não faz parte de forma alguma do cenário - foi colocado para que entrevistadora e entrevistada se sentassem; atrás dele foi posta uma mesa com troféus e, outras fotografias mostram que ainda há algumas cadeiras e outros sofás para espectadores assistirem à entrevista.

A segunda fotografia foi registrada na sala de multimídia e também teve seu espaço modificado para receber os participantes e espectadores. Para ele também foi trazido um sofá, uma mesinha e uma cadeira confortável para a entrevistadora, um jarro d'água e um vaso com flores são postos à mesa, tudo isso como em um palco e, de frente para este ambiente criado, há cadeiras para os que assistem à entrevista.

Já na terceira, a preparação não está evidente; foi realizada fora do espaço escolar, no atelier do entrevistado, podendo passar ao espectador a ideia de um momento mais informal e descontraído: o entrevistado está sentado em cima de uma banqueta, as entrevistadoras estão em pé como se apenas uma conversa estivesse acontecendo e sendo registrada. Nessa, ao contrário daquelas, não é possível ver se houve algum roteiro preparado anteriormente, pois ele não aparece na imagem.

Uma possibilidade para a ausência do roteiro nas mãos das entrevistadoras pode ser a aquisição de experiência para entrevistar, ao longo do processo do projeto, o que as deixa mais à vontade com a situação. As primeiras entrevistas foram realizadas quase um ano antes da última. Durante este intervalo, as entrevistadoras puderam ganhar experiência e a ausência do roteiro em suas mãos pode ser um símbolo dessa condição.

O ambiente da imagem (7) pode nos levar a deduzir que a entrevistada tem alguma relação com esportes, pois, além da entrevista estar sendo realizada na quadra de esportes da escola, atrás do sofá há uma quantidade significativa de troféus (esses troféus ficam expostos no saguão de entrada da escola). De fato, ela é professora de Educação Física (atualmente aposentada, tendo trabalhado quase trinta anos na escola) e conquistou com seus alunos muitos dos troféus expostos.

Nesse caso, é válido retomar o tema da cultura material escolar. A partir dos troféus, aspectos do cotidiano escolar, características da escola e da equipe gestora podem ser reveladas. Além disso, esses objetos são fontes históricas diretas, pois apresentam informações sobre datas e modalidades esportivas dos campeonatos aos quais se referem.

Os troféus são símbolos de conquistas da escola. Revelam que houve a preparação de alunos para participarem em eventos esportivos e que há uma

preocupação da escola em desenvolver atividades esportivas com seus alunos, ou seja, ela preza pelo esporte. A preocupação de gestores e professores em preservar a memória e história da escola também pode ser revelada nesses objetos e assim mostra valores desta comunidade que se importa em expor seus objetos para mostrar suas conquistas a todas as pessoas que entram na escola. No caso da fotografia, eles parecem ter sido trazidos para compor o cenário justamente porque são significativos para a escola e para esta professora em particular.

Na imagem (9), o ambiente é bastante informal, pois se trata do atelier do próprio entrevistado (junto ao Teatro Popular Solano Trindade em Embu das Artes). O comportamento das pessoas que aparecem na fotografia revela a relação que se estabeleceu entre entrevistador e entrevistado: parece uma relação direta e horizontal, na qual o entrevistado é escutado com interesse pelas outras pessoas. Elementos pessoais do entrevistado aparecem na fotografia, como quadros, livros e fotografias e mostram aspectos de sua vida, além de deixar o ambiente mais pessoal e informal.

Nas três entrevistas, além do(a) entrevistado(a) e das entrevistadoras, há mais gente participando, filmando e fotografando o momento. Isso pode ser visto em outras fotografias que também registram as três situações. Entre essas pessoas, há outros professores, a coordenadora do projeto e membros da equipe gestora da escola.

Vale ressaltar ainda a influência que a iluminação exerce sobre os três ambientes. Nas duas imagens que apresentam iluminação natural, o ambiente é mais informal e as pessoas parecem mais próximas, ao contrário do que acontece na outra. Parece que a iluminação na imagem (8) compõe o ambiente contribuindo para a formalidade existente.



(10)



(11)



(12)



(13)

10 e 13- Cerimônia de formatura, 1980;

11 e 12- Cerimônia de formatura, dezembro de 2010.

As quatro imagens apresentam cerimônias de formatura. No entanto, os eventos acontecem em épocas diferentes. Mesmo assim, apresentam muitas semelhanças e, aparentemente, um sentido similar.

As duas primeiras imagens estão focadas no ambiente onde ocorrem. Ambas apresentam uma mesa bem destacada para os professores, por onde também passam os alunos para pegarem seus diplomas e cumprimentarem a equipe educadora. A decoração com flores e mesas com toalhas aparecem nas duas imagens, embora na primeira esses elementos sejam mais discretos.

As duas formaturas ocorreram no mesmo espaço (pátio da escola), mas a mesa principal está em lugares diferentes. Enquanto a primeira se encontra em um pequeno palco que existe até hoje, a segunda está do outro lado do pátio, onde há espaço para uma mesa maior. A partir dessa informação, é possível perceber que a equipe gestora e educadora cresceu bastante durante esse período.

As outras duas imagens apresentam as formandas. Em nenhuma das duas há destaque para os homens. É certo que na formatura mais recente havia a participação de alunos homens, pois foi possível ver em outras fotografias. No entanto, as imagens da formatura de 1980 só destacaram mulheres.

A partir dos dois grupos de diferentes épocas, pode-se observar que a importância dada ao evento é bastante semelhante. As roupas que as meninas usam nos fornecem indícios sobre a formalidade construída em torno da ocasião. Há uma grande produção. Além da escola se transformar em um ambiente formal para receber suas alunas e seus familiares, os trajes usados contribuem para essa formalidade. Elas não usam roupas do cotidiano, nem uma roupa um pouco mais arrumada. Vestem-se como verdadeiras princesas, com vestidos que dificilmente usariam em outra ocasião. Portanto, é possível perceber que há grande investimento das próprias famílias para que esse dia seja especial.

É possível perceber, principalmente na foto 11, que a formalidade dos trajes também está presente nos professores. Assim como as formandas que aparecem nas outras fotografias, eles contribuem com suas vestimentas para tornar a ocasião especial. Assim, demonstram o quão envolvidos estão com o evento e como o consideram importante.

Algo que acontece na formatura de 1980 e não acontece na outra é a semelhança das roupas entre as meninas. Todas se vestem com um vestido muito parecido e da mesma cor (foto 13). Na formatura de 2010, os vestidos são parecidos, mas não existe um padrão.

A partir das imagens, pode-se notar que o sentido que esse evento assume nas duas épocas é muito semelhante. Este é um momento simbólico que marca uma transição na vida de quem se forma. Como a EMEF Solano Trindade contempla apenas as séries do Ensino Fundamental, as duas formaturas marcam o fim desse ciclo. A princípio, esses estudantes estão indo para o Ensino Médio de outras escolas.

Um ciclo é fechado para outro ser aberto. Este momento simbólico mostra que a escola exerceu seu papel com sucesso, pois preparou seus alunos para o próximo ciclo que se inicia fora deste espaço. No entanto, não é

isso que ocorre necessariamente. Este momento não dá garantia de sucesso, nem define o caminho que será traçado.

A sociedade envolvida no processo escolar do grupo que se forma – família e educadores – está presente nesse ritual de passagem e dá grande importância ao momento. Em geral, muitos membros de famílias de classes economicamente desfavorecidas (como grande parte da população do bairro), especialmente até alguns anos atrás, não chegavam ao fim do Ensino Fundamental. Portanto, ver os filhos completando este ciclo, tem grande significado.



14 – Inauguração do memorial, 2011.

Nessa fotografia, a menina que está em primeiro plano pode ser considerada o que Roland Barthes (1984) chama de *Spectrum*. Barthes utiliza essa palavra, pois a relaciona com o “espetáculo”. É nela que está o foco, o alvo, o referente.

Vemos nessa imagem, como já foi dito, uma menina em primeiro plano e algumas outras pessoas ao fundo. É possível perceber que naquela há um movimento de posar para a foto. Ela sorri, mostra um álbum para o fotógrafo e olha para esse objeto para ser fotografada. De fato, a intenção do fotógrafo está em registrar a menina, o álbum e o ato de olhar para o objeto e, para isso,

o corpo da menina é fabricado para que sua ação fique clara diante de quem vê a foto.

Isso é o que podemos enxergar diretamente na imagem. No entanto, apenas com as informações contidas nesse artefato, é impossível saber o local no qual se encontram, o que fazem ali, qual a relação das pessoas com esse lugar e porque a menina posa com o álbum na mão. Por isso, é importante o auxílio de outras fontes para se ter informações e compreender o que está além da imagem.

A partir de informações dadas pela coordenadora do Projeto de Extensão, a situação aconteceu durante a inauguração do memorial da escola, quando a menina (aluna da escola) que está segurando o álbum encontrou sua mãe em uma das fotografias expostas. Esta também foi aluna da escola quando tinha a idade da filha.

A fotografia que está no álbum possibilita que uma parte da vida da mãe seja conhecida por sua filha, que haja uma identificação da filha com a mãe por ambas terem sido alunas em um mesmo espaço escolar, ou seja, as duas já ocuparam uma mesma posição, na mesma escola.

Esse encontro de gerações possibilita que um diálogo seja criado entre as duas para que possam trocar informações sobre esse momento pelo qual ambas passaram. A partir daí, pode-se tirar informações sobre transformações ocorridas na escola, quais relações foram criadas entre alunos e educadores, quais papéis foram assumidos pelos alunos etc.

O espaço criado para manter as memórias da escola é um lugar de exposição de fotografias, entre outros documentos, e possibilita que mais encontros desse tipo aconteçam, e que alunos e funcionários se reconheçam no espaço escolar.



(15)



(16)



(17)

(18)



15- Corrida ecológica, novembro de 2012.

16- Passeata em prol do meio ambiente, maio de 2010.

17- Passeata em prol do meio ambiente, sem data.

18- Passeata em prol do meio

As quatro imagens estão relacionadas ao envolvimento da escola com movimentos em prol de melhorias no bairro.

A escola sempre esteve envolvida com essas questões relacionadas ao lugar no qual se localiza. Podemos observar que esse envolvimento ocorre há anos a partir da fotografia 16. Mesmo sem data, as cores, a qualidade da imagem e os trajes das pessoas dão ideia de que ela é mais antiga.

De acordo com Kossoy (2001), o registro visual presente na fotografia revela diversas informações contidas no tempo e espaço retratado, mas, além dele, o que dá corpo à imagem, também revela informações. É possível, por exemplo, obter informações sobre a tecnologia utilizada para viabilizar o conteúdo a partir da qualidade da imagem. Portanto, também podemos tirar informações sobre o que está além da fotografia. Percebemos que a fotografia 16 é antiga por elementos visíveis na imagem, como o traje das pessoas, e pela qualidade e cor da imagem. Ela não foi tirada com uma máquina digital, mas foi digitalizada posteriormente.

A imagem 15 retrata a corrida ecológica organizada pela escola. Professores, coordenadores e outros funcionários organizaram o evento que contou com a participação das crianças e a presença de moradores do bairro que assistiram às disputas. Eventos como esses são importantes, pois mesmo sem a participação direta da comunidade, chama a atenção para questões

sobre a melhoria do bairro e traz reflexões sobre formas de atuação e participação dos moradores no bairro.

As fotografias 16 e 17 retratam duas Passeatas em prol do meio ambiente ocorridas em anos diferentes. Em ambas houve a participação da escola. No entanto, também há o envolvimento de outras instituições que fazem parte da Rede Boa Vista. Esta é uma organização de várias instituições do bairro como escolas, ONGs, Unidade Básica de Saúde, instituições culturais e associação de bairro que realizam encontros em que discutem sobre a melhoria do bairro, destacando-o como um espaço de lazer que deve ser utilizado pela comunidade.

Podemos observar muitas diferenças entre a passeata mais recente e a mais antiga. Aquela apresenta uma produção muito maior. Pessoas estão fantasiadas e é possível ver pessoas carregando instrumentos musicais. Esta mostra apenas pessoas vestidas normalmente carregando faixas.

É importante destacar que as quatro fotografias mostram o bairro Jardim Boa Vista. Na fotografia 15 é possível observar a escola à esquerda, uma parte do bairro no morro à direita e muita vegetação dando a impressão de que o bairro é arborizado. Na imagem 16, é possível ter noção das condições das ruas e calçadas e também é possível observar um pouco de vegetação ao fundo. A imagem 17 também revela elementos do bairro como a casa à direita e os postes de eletricidade. A imagem 18 é a que mais mostra as moradias do bairro.

As quatro imagens também se relacionam, pois todas mostram o envolvimento da escola com o bairro. Mostram que aquele espaço também se preocupa com questões de melhoria do lugar no qual se localiza, está aberta à comunidade, se relaciona com seu espaço externo ampliando seu papel, sem se restringir apenas à transmissão de conteúdos e suas questões internas.



(19)



(20)

19- Fachada da escola de madeira, de 1982

20- Fachada atual da escola

A partir das duas imagens que representam a fachada da escola, é possível perceber uma grande mudança em sua estrutura.

A imagem número 19 mostra a primeira estrutura que abrigava a EMEF Solano Trindade. Esse era um prédio provisório, feito de madeira, chamado por alunos e funcionários da escola de “barracão”.

A segunda estrutura, de alvenaria, foi construída em parte do terreno desapropriado pela Prefeitura, e sua inauguração foi um rito de passagem celebrado por alunos e funcionários da escola.

Esta transição marca a atuação da comunidade e das associações do bairro que lutavam pela melhoria do bairro, inclusive pela construção de escolas de alvenaria, com condições mais adequadas de funcionamento para abrigar as suas crianças.



(21)

21- Projeto Copa com Ensino Fundamental, Junho de 2010.

22- Projeto Copa com EJA, junho de 2010.



(22)

A escola costuma realizar projetos temáticos durante o ano letivo. Essas duas fotografias mostram o Projeto Copa, realizado em junho de 2010, que envolveu todo o Ensino Fundamental e Educação de Jovens e Adultos. Nesse projeto, não só o estudo e a reprodução de bandeiras foram realizadas como também houve pesquisas sobre os países participantes da Copa. Ou seja, além da parte artística, há uma parte de pesquisa e estudo para o desenvolvimento do projeto.

Essas duas imagens foram escolhidas, pois mostram uma mesma atividade desenvolvida por grupos bem distintos – a primeira apresenta um grupo do Ensino Fundamental (Ciclo II) e a segunda, um de EJA – e

representam um pouco das diferenças observadas entre os períodos da escola durante as observações realizadas.

Como foi dito no relato sobre essas observações, ao longo do dia, enquanto as turmas vão sendo trocadas, a escola vai ganhando novas identidades. A partir dessas imagens, algumas diferenças que podem compor a identidade dos grupos são observadas. A primeira diferença é notada rapidamente: na imagem 21, o grupo central está sentado no chão enquanto na outra, a dupla está de pé (ao fundo da imagem 21 é possível ver um grupo sentado à mesa. No entanto, ainda há uma maneira de se sentar e uma postura que se distancia da atitude das meninas da imagem 22.

As mesas, que fazem parte da cultura material escolar, aparecem nas duas imagens, embora sejam utilizadas de maneiras diferentes.

A imagem 22 traz uma sensação de maior organização do que a primeira. Talvez essa apareça por causa da diferença no tamanho dos grupos. Além disso, o comportamento do primeiro grupo, seus gestos, a maneira de se sentarem, dá evidências de um momento mais descontraído.

Essas pequenas atitudes são algumas das que contribuem para as diferentes identidades que a escola assume ao longo do dia. Como apareceu nas observações, características vão surgindo e transformando o ambiente e as relações que existem nele criando diferentes atmosferas no espaço escolar.



(23)

23 e 24: Debate entre chapas do grêmio para gestão 2012, setembro de 2011.



As duas imagens retratam o mesmo momento: o debate entre chapas do grêmio para a gestão de 2012.

O que mais chama a atenção nessas fotografias é a aluna à frente de outros alunos, sendo o centro das atenções, tendo o respeito de seus colegas. A situação ocorre em uma parte do pátio da escola, onde a acústica não é muito boa. Não é possível saber qual papel a aluna assume no momento. Porém, ela parece conseguir o silêncio dos outros estudantes, o que colabora muito para que ela consiga passar suas idéias e propostas da chapa ou regras das eleições e debates. É interessante notar que nenhum professor ou outro funcionário da escola pode ser notado nas fotografias.

A atuação do grêmio na escola é bastante presente. Todos os anos há eleições para novas chapas e isso deixa claro que alunos têm seu espaço de atuação dentro da escola. A partir dessas informações, é revelada a preocupação que a escola tem em mostrar que alunos podem ter voz ativa e que eles também influenciam na construção do espaço escolar. Dessa maneira, os alunos criam uma identidade com esse espaço, além de ganharem força para também atuarem fora da escola.



25 e 26- Gincana, dezembro de



Essas duas imagens mostram a atividade de quebra-cabeças que foi desenvolvida durante a gincana que ocorreu no segundo semestre de 2011 que tinha como tema os quatro eixos pesquisados pelo Projeto de Extensão.

Nesta atividade, essas quatro crianças montaram um quebra cabeça com a imagem de um ambiente da escola. Várias fotografias de espaços da escola foram ampliadas e transformadas em quebra-cabeças para as crianças montarem e reconhecerem o espaço escolar, material confeccionado por professores com a ajuda dos alunos.

Como foi dito anteriormente, as fontes iconográficas são muito importantes no estudo da cultura material escolar, pois elas trazem elementos que nos ajudam a compreender como artefatos eram utilizados e apropriados

pelos sujeitos (VIDAL e SILVA, 2011). Essas fotografias revelam objetos da cultura material escolar.

O ambiente que apareceu para as crianças que estão na fotografia é a sala de aula. Neste espaço há muitos elementos dessa cultura e trazem informações e características da escola, como, por exemplo, as condições nas quais os livros se encontram, se há cuidado com esses objetos, qual a iluminação presente no ambiente, se é um lugar próprio para o estudo e a leitura, se os livros estão acessíveis para crianças pequenas, se há um lugar adequado para se sentar etc. Todos esses aspectos destacados revelam valores prezados pela escola e funcionam para a compreensão de seu funcionamento.

As imagens a seguir apresentam eventos que se relacionam pelo tema, porém, apresentam diferenças que podem caracterizar o processo histórico da escola. A comparação entre as imagens trazem elementos de que nos ajudam a compreender relações existentes nesse espaço.

As três imagens a seguir mostram momentos semelhantes, em épocas e eventos distintos. A imagem número 27, mais recente, retrata o momento de entrega da faixa para o vencedor do Concurso Beleza Afro, realizado durante a Mostra de Cultura Afro. A diretora da escola, símbolo de autoridade máxima do espaço, entrega para um de seus alunos um prêmio. Assim, representa uma proximidade que pode existir entre ambos, assim como a importância que lhe é atribuída na homenagem.

As imagens 28 e 29, também retratam a entrega de um prêmio a um aluno. Naquela, assim como na imagem 27, a entrega também é de uma faixa, enquanto nesta, o que simboliza o prêmio é uma medalha (no caso em uma competição esportiva).

As três imagens representam um momento de reconhecimento do aluno e de aproximação entre aluno e educadores.



27- Concurso de Beleza Afro, 2012

28- Professora Maria Cristina entregando medalha, campeonato de xadrez

29- Premiação de aluno, sem data.

As próximas duas imagens se relacionam, pois apresentam dois eventos semelhantes que apresentam elementos significativos da cultura. O primeiro, mais antigo refere-se à festa do folclore, enquanto o segundo, à mostra de Cultura Afro, mais recente, ocorrido em 2012.

Nos dois momentos há a participação de crianças em apresentações, ou seja, sendo o centro das atenções, com fantasias semelhantes, em movimentos coreografados.

A partir das imagens é possível perceber que a escola continua dando atenção aos eventos culturais, colocando seus alunos como sujeitos importantes nesses momentos.



30- Festa do Folclore



31- Mostra de Cultura Afro, 2012

As imagens seguintes retratam Festas Juninas de anos diferentes. A imagem 32 representa a festa de 1998 e a 33, de 2012.

A imagem 32 apresenta três fotografias que foram reveladas em papel, mas agora também se encontram digitalizadas. Em todas as imagens é possível ver a participação de muitas pessoas da comunidade assistindo à apresentação. Dessa maneira, vemos que a comunidade é muito presente em eventos da escola.



32- Festa Junina, 1998



33- Festa Junina, 2012

9.Considerações finais:

A partir das análises realizadas, foi possível perceber mudanças ocorridas na escola durante seu processo histórico, semelhanças que permanecem ao longo do tempo, relações entre professores e alunos, a relação da escola com a comunidade, a participação da escola em movimentos sociais, sua participação em questões para a melhoria do bairro, a valorização de eventos culturais e o papel que esse espaço assume perante a comunidade. E assim, fica evidente o papel fundamental que as fotografias assumiram como fontes documentais para esta pesquisa.

Esta Iniciação Científica deixa como contribuição para a EMEF Solano Trindade um método de organização de imagens digitalizadas. Essas foram organizadas e, por enquanto, estão salvas no HD externo para serem passadas para o computador do memorial da escola.

Para a organização do material, a maior dificuldade foi a falta de conhecimento dos eventos e atividades que ocorreram durante os anos e por isso, a ajuda de educadores e funcionários da escola foi tão importante.

A intenção inicial de se organizar todas as imagens que pertencem ao memorial, reveladas e digitalizadas, não foi possível de ser alcançada. A organização contemplou apenas as imagens digitalizadas salvas no HD.

Em relação às considerações sobre fotografia e cultura material escolar, durante o trabalho ela é assumida como um objeto que traz elementos dessa cultura. No entanto, à medida que vão tomando conta do espaço escolar, ficando expostas em seus corredores, como acontece atualmente, a fotografia passa a ser mais um elemento dessa cultura, revelando a valorização que a escola dá a esses objetos.

Referências Bibliográficas

ALVES, Nilda e CIAVATTA, Maria (orgs.). Introdução. In: *A leitura de imagens na pesquisa social: história, comunicação, e educação*. São Paulo: Cortez, 2008.

BARTHES, Roland. *A câmara clara: nota sobre a fotografia*. Rio Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

BRAGA, Elizabeth. S. *A constituição social da memória: uma perspectiva Histórico-Cultural*. Ijuí: Ed. UNIJUÍ, 2000.

BRAGA, Elizabeth. S. A constituição social do desenvolvimento - Lev Vigotski: Principais teses. Coleção História da Pedagogia – Número 2, *Lev Vigotski*. Publicação especial da Revista Educação. Editora Segmento, p. 20-29, 2010.

BRAGA, Elizabeth S.: SMOLKA, Ana Luíza B. Memória, imaginação e subjetividade: imagens do outro, imagens de si. *Horizontes*, v.8, n.1/2, Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, p.19-28, 2005.

CIAVATTA, Maria: a cultura material escolar em trabalho e educação. A memória fotográfica de sua transformação (educação e filosofia, Uberlândia, v.23, n.46, p.37-72, jul/dez. 2009

DUBOIS, Phillippe. *O Ato Fotográfico e outros ensaios*. São Paulo: Papyrus, 1993.

EZPELETA, Justa; ROCKWELL, Elsie. *Pesquisa Participante*. São Paulo: Cortez editora, 1986

FARIA, Thaís B. B. C. Relações sociais e seus significados no contexto escolar e seu entorno: um estudo etnográfico. *Trabalho de Iniciação Científica*, 2010, Faculdade de Educação, USP

GEERTZ, Clifford. *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.

GIL, Antonio Carlos. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. São Paulo: Atlas, 2008.

GÓES, M. C. R. A natureza social do desenvolvimento psicológico. *Cadernos CEDES*. n. 24, p. 17-24, 1991.

LEITE, Míriam L. M. Texto visual e texto verbal. In: *Desafios da imagem: Fotografia, iconografia e vídeo nas ciências sociais*. Orgs: BIANCO, Bela F. e LEITE, Míriam L.M. São Paulo: Papyrus, 1998

LÜDKE, Menga. e ANDRÉ, Marli E. D. A. *Pesquisa em educação: Abordagens Qualitativas*. São Paulo: EPU, 1986.

MAUAD, Ana Maria. Fotografia e história, possibilidades e análises. In: *A leitura de imagens na pesquisa social: história, comunicação, e educação*. ALVES, Nilda e CIAVATTA, Maria (orgs.).São Paulo: Cortez, 2008

OLIVEIRA, Marta K. *Vygotsky: Aprendizado e desenvolvimento, um processo sócio-histórico*. Scipione, 1997

PEREZ, Eliane e SOUZA, Gizele. Aspectos teóricos-metodológicos da pesquisa sobre cultura material escolar: (im) possibilidades de investigação. In: *Cultura material escolar: a escola e seus artefatos (MA, SP, PR, SC e RS) – 1870/1925*. César Augusto Castro (org.) São Luís: EDUFMA: Café & Lápis, 2011.

PINO, A. O conceito de mediação semiótica em Vygotsky e seu papel na explicação do psiquismo humano. *Cadernos CEDES*. n. 24, 1991, p. 32-43.

REGO, Maria Cristina. *Vygotsky: Uma perspectiva histórico-cultural da educação*. Rio de Janeiro: Vozes, 2010

ROCWELL, Elsie. Metáforas para encontrar histórias inesperadas. In: NEPOMUCENO, M.A. & TIBALLI, E. *A educação e seus sujeitos na história*. Belo Horizonte: Argumentum, 2007, p.15-33.

SMOLKA, A. L. B. *O (im)próprio e o (im)pertinente na apropriação das práticas sociais*. *Cadernos CEDES*. n. 50, 2000, p. 26-40.

SMOLKA, A. L. B. *Internalização: seu significado na dinâmica dialógica*. *Educação & Sociedade*, n. 42, agosto, 1992, p. 328-335.

SOUZA, Rosa F. História da cultura material escolar: um balanço inicial. In: *Culturas escolares, saberes e práticas educativas: itinerários históricos*. Marcus Levy Albino Bencostta (org.) São Paulo: Cortez, 2007.

VIDAL, Diana G. e SILVA Vera Lucia G. Por uma história sensorial da escola e da escolarização. In: *Cultura material escolar: a escola e seus artefatos (MA, SP, PR, SC e RS) – 1870/1925*. César Augusto Castro (org.) São Luís: EDUFMA: Café & Lápis, 2011

VYGOTSKY, L. S. Internalização das funções psicológicas superiores. In: *A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores*. Orgs. M. Cole et al. Trad. J. Cipolla Neto. 4. ed. São Paulo : Martins Fontes, 1991.